



2014/
2015

Relatório

Avaliação Interna

Comissão de Avaliação Interna
Agrupamento de Escolas Dr. José Leite de Vasconcelos - Tarouca
2014/2015



Índice

1. Introdução	2
2. Enquadramento legal da autoavaliação	3
3. Enquadramento teórico da autoavaliação.....	4
4. Desenvolvimento do processo	6
5. Análise Documental.....	8
6. Domínio “Resultados”	9
6.1. 1º Ciclo	9
6.2. 2ºCiclo	10
6.3. 3º Ciclo	12
6.4. Ensino Secundário.....	14
6.5. Saídas dos Alunos	15
7. Domínio “Processos a nível de sala de aula”	17
7.1. Assessorias a Português	17
7.2. Assessorias a Matemática	18
7.3. Turma N+1 (Matemática).....	19
7.4. Turmas de Ancoragem	20
7.5. Apoio ao Estudo de Português	22
7.6. Apoio ao Estudo de Matemática	23
8. Domínio “Processos a nível da escola”	25
8.1. Projeto “Aula de Convivência”	25
8.2. Projeto de Mediação Escolar.....	25
9.1. Projeto de promoção da relação entre a escola e as famílias	27
10. Focus Groups	28
11. Análise dos Focus Group dos Encarregados de Educação.....	30
12. Análise dos Focus Group dos docentes.....	34
13. Análise dos Focus Group dos alunos.....	41
14. Análise do Focus Group dos assistentes técnicos e operacionais	48
15. Conclusão	52

1. Introdução

A avaliação das escolas tem surgido nos últimos anos, de uma forma decretada, como o garante da qualidade de ensino.

A adesão de um número cada vez maior de escolas a experiências de autoavaliação exemplifica o reconhecimento, por parte dos atores educativos, da função que esta tem no desenvolvimento das organizações escolares e dos seus profissionais.

A autoavaliação promove nas escolas uma reflexão profunda sobre as suas práticas, envolvendo todos os atores. Esta reflexão deveria levar a uma melhoria dos seus pontos fracos então detetados e a uma posterior meta-avaliação que verifique a qualidade dessa avaliação. No pressuposto de que “ *a vida da escola é um composto de múltiplas perspetivas e a escolha de uma abordagem avaliativa requer, por isso mesmo, uma sensibilidade para a complexidade inerente a cada aspeto da vida da escola.*” (MacBeath, 2005, p. 177)¹.

Neste ano letivo, esta Comissão entendeu centrar-se na avaliação dos seguintes domínios: Resultados Escolares, Processos a Nível de Sala de Aula, Processos a nível de Escola e o Meio. Com o objetivo de conseguirmos os fins enunciados, organizámos da seguinte forma o nosso trabalho: análise de documentos da escola, entrevistas em *focus-group* e categorização e análise das entrevistas.

¹ Macbeth, J. *et al* (2005). *A História de Serena*. Porto. Edições ASA.

2. Enquadramento legal da autoavaliação

Quando foi publicada, em 14 de Outubro de 1986, a *Lei de Bases do Sistema Educativo* (Lei n.º 46/86) era, relativamente à avaliação interna, completamente omissa.

Posteriormente, com o Decreto-Lei n.º 43/89, de 3 de Fevereiro, que estabelecia o *Regime Jurídico da Autonomia das Escolas*, a avaliação destas continuou a não ter nada de significativo.

Em 1997, a Inspeção Geral da Educação (IGE), com o *Programa de Avaliação Integrada*, exerceu alguma influência para que as escolas se passassem a interessar mais pela autoavaliação.

Em termos normativos foi o Decreto-Lei 115-A/98, de 4 de Maio, e legislação subsequente que veio inverter a situação e que introduziu o *Regime de Autonomia, Administração e Gestão das Escolas* (RAAG).

No entanto, só mais recentemente foi promulgada a Lei n.º 31/2002, de 20 de Dezembro, também conhecida por “*Lei do Sistema de Avaliação da Educação e do Ensino Não Superior*”. É com esta lei que surge a obrigatoriedade da avaliação externa e a avaliação interna das escolas. No entanto, não estabelece normas quanto aos procedimentos a ter, mas exige que estes procedimentos se devem submeter a “padrões de qualidade certificados” (art. 7.º). Simultaneamente estipula catorze “indicadores” (art. 9.º, n.º2) que concretizam os “parâmetros de conhecimento científico, de carácter pedagógico, organizativo, funcional, de gestão, financeiro e socioeconómico” (art. 9.º, n.º2) e estabelece objetivos específicos no sentido de orientar os resultados da autoavaliação.

Assim sendo, surgem alguns projetos, tais como: Observatório de Qualidade, Projetos Europeus com Participação Portuguesa, Projeto Qualidade XXI; e experiências resultantes da iniciativa privada: Programa Avaliação de Escolas Secundárias (AVES) e o Projeto “Melhorar a Qualidade!”.

Atualmente, o Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, que aprova o *Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário*, refere-se à autoavaliação como sendo um instrumento de autonomia dos agrupamentos de escolas e das escolas não agrupadas. No seu artigo 9.º, ponto 2, alínea c), “Relatório de autoavaliação o documento que procede à identificação do grau de concretização dos objetivos fixados no projeto educativo, à avaliação das atividades realizadas pelo agrupamento de escolas ou escola não agrupada e da sua organização e gestão, designadamente no que diz respeito aos resultados escolares e à prestação do serviço educativo.” Ainda no ponto 4 do mesmo artigo, o normativo diz que o contrato de autonomia é celebrado quando verificados os procedimentos de autoavaliação e de avaliação externa.

Um dos princípios estabelecidos pelo Decreto-Lei 75/2008 e que orienta a celebração dos contratos de autonomia é o da “*responsabilização dos órgãos de administração e gestão do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, designadamente através do desenvolvimento de instrumentos de avaliação e acompanhamento do desempenho que permitam aferir a qualidade do serviço público de educação*” (Capítulo VII, Artigo 57.º, ponto 2, alínea c).

3. Enquadramento teórico da autoavaliação

Perante este contexto normativo torna-se necessário expor o conceito de autoavaliação. Assim, como refere o Relatório da ESIS, em 2000, (cit. in Alaiz, 2003, p. 19)², a avaliação interna das escolas ou autoavaliação é “(...) *o processo pelo qual uma escola é capaz de olhar criticamente para si mesma com a finalidade de melhorar posteriormente os seus recursos e o seu desempenho.*”

A avaliação interna apresenta um conjunto de características que lhe estão inerentes, tais como:

- é um processo de melhoria das escolas;
- é um exercício coletivo, assente no diálogo e confiança;
- é um processo de desenvolvimento profissional;
- é um ato de responsabilidade social;
- é uma avaliação orientada para a utilização;
- é um processo conduzido internamente com intervenção externa.

Para autores como Vítor Alaiz (2003, p. 16)³ a avaliação interna:

“é aquela em que o processo é conduzido e realizado exclusivamente por membros da comunidade educativa da escola. Pode ser definida como a análise sistemática de uma escola, realizada pelos membros de uma comunidade escolar com vista a identificar os seus pontos fortes e fracos e a possibilitar a elaboração de planos de melhoria.”

Ainda para este autor a autoavaliação é um modelo “*aberto*”, sem procedimentos obrigatórios, nem indicadores previamente estabelecidos. Centrada na satisfação das necessidades dos destinatários dos serviços oferecidos pela instituição; sem adoção prévia de quaisquer “*critérios nacionais de avaliação*”. No entanto só com a execução e avaliação de um “*Plano de Ação para a Melhoria da Qualidade*” o “*ciclo*” do processo ficará concluído. Poderá ainda ser aperfeiçoada por um “*amigo crítico*” que possibilita o cruzamento do “*olhar*” externo com a reflexão interna.

² Alaiz, V., et al (2003). Auto-Avaliação de Escolas: Pensar e Praticar. Porto. Edições ASA.

³ Obra citada

Segundo Alaiz (2003)⁴, o importante é como se usam os dados tendo sempre com perspetivas melhorar o futuro e envolver os atores.

Ou ainda, segundo MacBeth (2005)⁵, o caminho para a autoavaliação deverá ser traçado pela própria escola, envolvendo e visando a participação de todos os atores e promovendo a reflexão sobre objetivos, práticas e resultados.

Para Miguel Santos Guerra (2002)⁶:

“Avaliar as escolas com rigor implica conhecer a especial natureza e configuração que elas têm, enquanto instituições enraizadas numa determinada sociedade (...) por outro lado é imprescindível ter em conta o carácter único, irrepetível, dinâmico, cheio de valores e imprescindível de cada escola.”

A autoavaliação não é um fim em si mesma. Ela exige uma contínua reflexão e implementação de planos de melhoria que por sua vez serão avaliados. A avaliação da autoavaliação - meta-avaliação – é assim fundamental para se verificar a qualidade do processo efetuado.

⁴ Obra citada

⁵ Macbeth, J. et al (2005). *A História de Serena*. Porto. Edições ASA.

⁶ Santos Guerra, M. A., Como num Espelho – Avaliação qualitativa das escolas (Conferência proferida no Curso de Verão de 2001) in AZEVEDO, J. (Org.), (2002). *Avaliação das Escolas – Consensos e Divergências*. Porto: ASA, pp. 11 a 31. (Texto policopiado).

4. Desenvolvimento do processo

Uma vez que os normativos legais⁷ assim o exigem a autoavaliação centrou-se nas cinco dimensões legalmente estabelecidas.

Contudo, operacionalizando a avaliação desses itens, o modelo adotado foi o “Perfil de Autoavaliação das Escolas” (PAVE), que consiste em avaliar doze áreas da vida da escola que podem servir facilmente pra iniciar a discussão sobre a sua qualidade e eficácia.

Resultados:

Resultados escolares

Desenvolvimento pessoal e social

Saídas dos alunos

Processos a nível de sala de aula:

O tempo como um recurso de aprendizagem

Qualidade da aprendizagem e do ensino

Apoio às dificuldades de aprendizagem

Processos a nível da escola:

A escola como um local de aprendizagem

A escola como um local social

A escola como um local profissional

O Meio:

Escola e família

Escola e comunidade

Escola e trabalho

Como modelo aberto, pois não tem procedimentos obrigatórios e não tem indicadores previamente estabelecidos, este modelo deixa margem de manobra às escolas para estas puderem adicionar as suas próprias categorias.

Os objetivos deste modelo são bem claros, segundo MacBeath (2005, p. 181)⁸:

- 1. Promover uma discussão séria e objetiva entre todos os grupos de atores, favorecendo a criação de uma cultura de avaliação mais aprofundada e de autoavaliação permanente;*
- 2. Conseguir uma imagem da escola tal como é vista por professores, alunos e pais;*
- 3. Ajudar a identificar e a definir áreas prioritárias para avaliar com maior profundidade.*

⁷ Decreto-Lei n.º 31/2002, de 20 de dezembro.

⁸ Obra citada.

A aplicação do modelo foi efetuada pela Comissão de Autoavaliação, conjuntamente com a “ajuda” de um amigo crítico que teve, entre outras, as seguintes tarefas apresentadas por MacBeath (2005, pp. 186 – 187)⁹:

- *apresentar o projeto, clarificar os objetivos e criar um clima relacional propício à sua realização;*
- *ajudar a ultrapassar os momentos de dificuldades na análise do PAVE;*
- *aconselhar na seleção e na utilização dos instrumentos de avaliação;*
- *participar na fase de interpretação dos dados.*

Os Domínios/Aspetos/Ações a avaliar foram determinadas em reunião da Comissão que contou com a presença do seu “Amigo Crítico”. Estes encontram-se definidos no quadro seguinte.

A Comissão desenvolveu o seu trabalho de recolha de informação, preferencialmente através da análise de alguns documentos emanados das várias estruturas do Agrupamento, efetuando o cruzamento desses dados através da realização de entrevistas em *Focus Group*, procurando envolver toda a comunidade.

Domínios e aspetos a avaliar

Domínio	Aspetos	Ações relacionadas
Resultados	Resultados escolares	Análise estatística dos resultados por período
	Saídas dos alunos	
Processos a nível de sala de aula	Apoio às dificuldades de aprendizagem	Assessorias Turmas de Anclagem Turmas n+1 Apoio ao Estudo
Processos a nível da escola	A escola como um local social	Mediação Escolar Aula de Convivência
O Meio	Escola e família	Educar para a Parentalidade

⁹ Obra citada.

5. Análise Documental

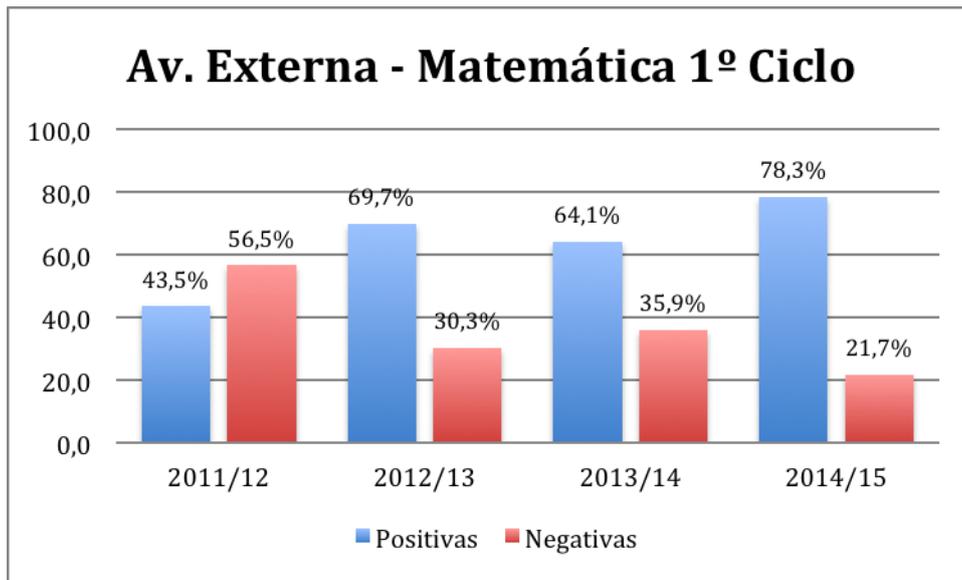
Foram analisados os seguintes documentos emanados dos diferentes órgãos e estruturas do Agrupamento:

- Relatório da Comissão de Avaliação Interna – 2013/2014
- Relatório/Reflexão das Provas de final de ciclo – Matemática 6º ano de escolaridade 2015.
- Relatório Anual TEIP 2014/2015.
- Relatório do Funcionamento das Assessorias de Português.
- Relatório Final das Assessorias Técnico-Pedagógicas – Matemática.
- Relatório Final do Projeto Turma N+1 – Matemática
- Relatório da Implementação do Projeto “Turma N+1”.
- Avaliação das Ações do Plano de Melhoria (1º ciclo).
- Relatório Final da Equipa Multidisciplinar.
- Relatório das Assessorias Pedagógicas de Português e de Matemática e Turmas de Ancoragem - 1º ciclo.
- Relatório de Avaliação Sumativa 1º Ciclo – 3º período 2014/2015.
- Relatório de Avaliação Sumativa 3º período – 2º Ciclo.
- Relatório de Avaliação Sumativa 3º período – 3º Ciclo.
- Avaliação Sumativa 3º período – secundário.

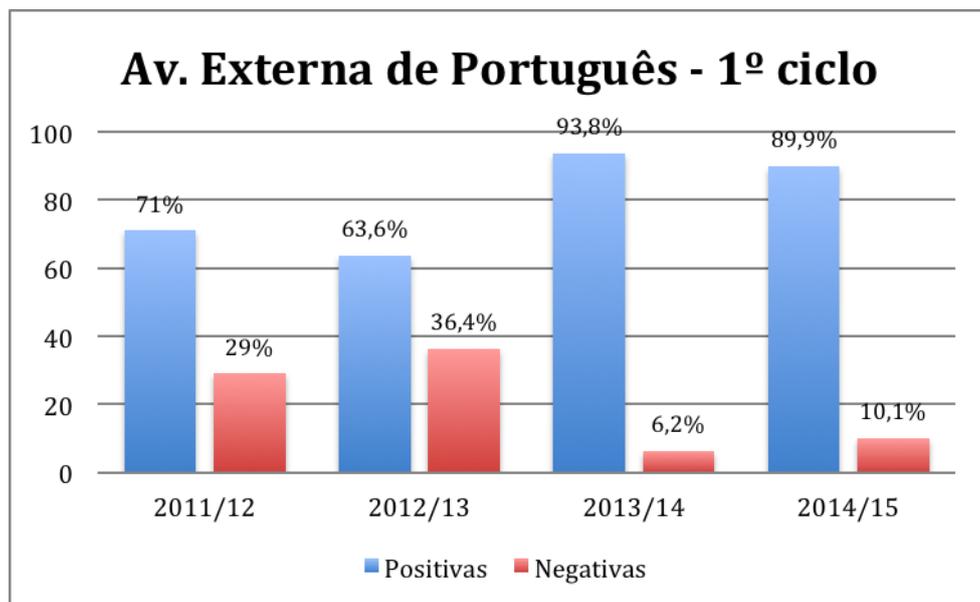
6. Domínio “Resultados”

6.1. 1º Ciclo

Segundo o relatório da avaliação sumativa do 1º Ciclo “No 3º período, a taxa de sucesso global foi bastante elevada em todas as áreas e anos de escolaridade. Comparando com os resultados do 2º período, a taxa global de sucesso foi igual ou superior em todas as áreas nos 3º e 4º anos, desceu ligeiramente a Português no 1º ano e a Matemática no 1º e 2º anos.”

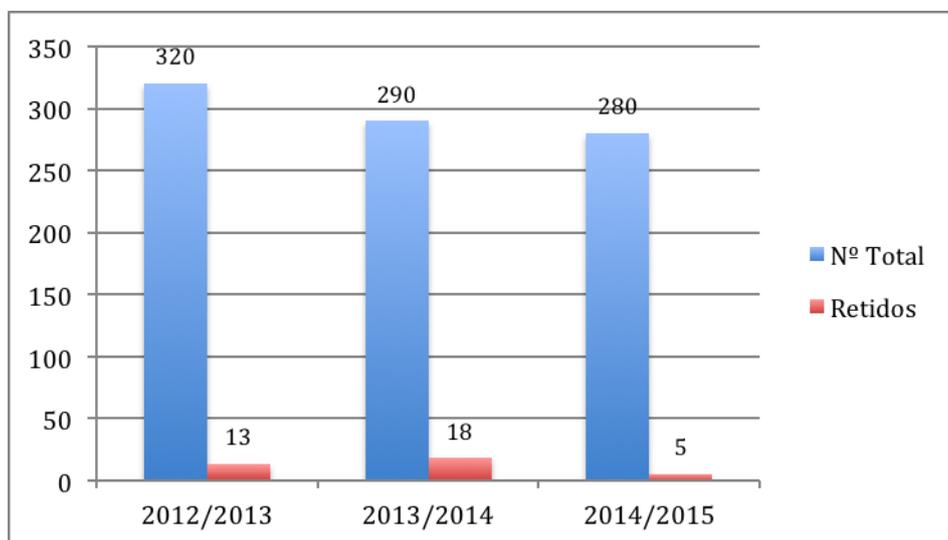


Analisando o gráfico anterior podemos verificar uma melhoria gradual na área da matemática, com exceção do ano 2013/2014 em que houve uma ligeira descida no sucesso. No entanto, o insucesso tem vindo a diminuir, de 56,5% em 2011/12 para 21,7% em 2014/15.



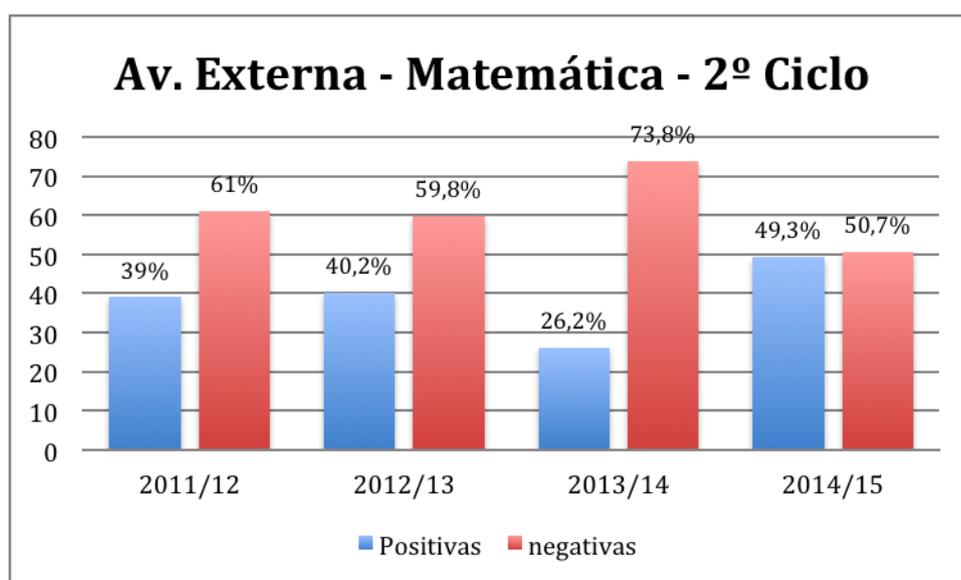
Analisando o gráfico anterior podemos verificar uma melhoria gradual na área do português, ao longo dos últimos três anos, com exceção do ano 2012/2013. O sucesso mantém-se elevado, embora haja um decréscimo no sucesso educativo de 3,9 pontos percentuais, em relação aos dois últimos anos.

Taxa de transição



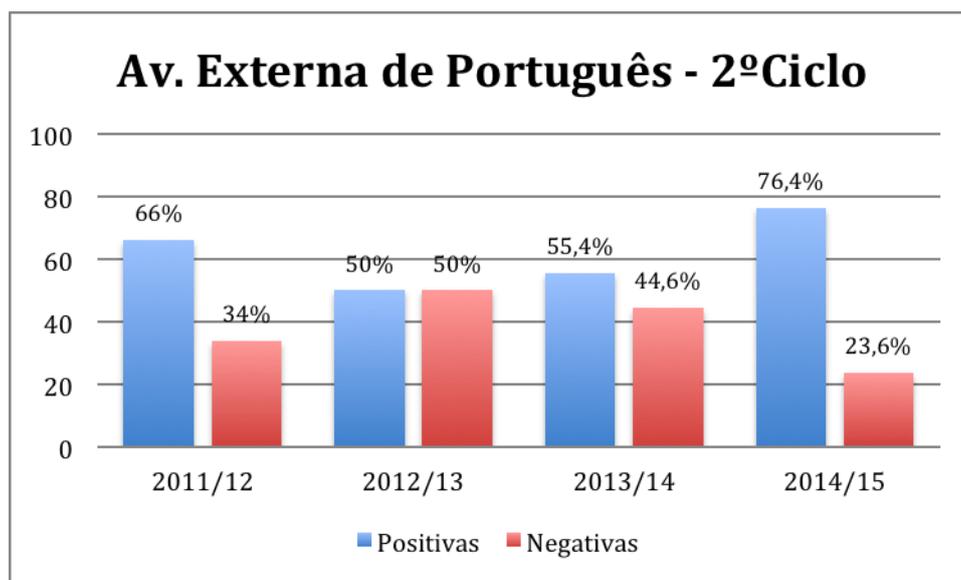
Da análise do gráfico constata-se que o número de retenções diminuiu significativamente do ano lectivo 2013/14 para o ano de 2014/15, passando de 18 para apenas 5 retenções, no ciclo.

6.2. 2ºCiclo



Analisando o gráfico anterior, podemos verificar que houve uma diminuição significativa do número de negativas e um conseqüente aumento dos níveis positivos, quando comparado com os anteriores anos letivos.

Segundo o relatório/reflexão das provas de final de ciclo-Matemática 6º ano, “...35 alunos obtiveram nível igual ou superior a 3, perfazendo uma taxa de sucesso de 52%. Esta percentagem apenas se situou 3% abaixo da taxa de sucesso obtida a nível nacional. (...). O nível mais frequente foi o 2, obtido por 41% dos alunos.”

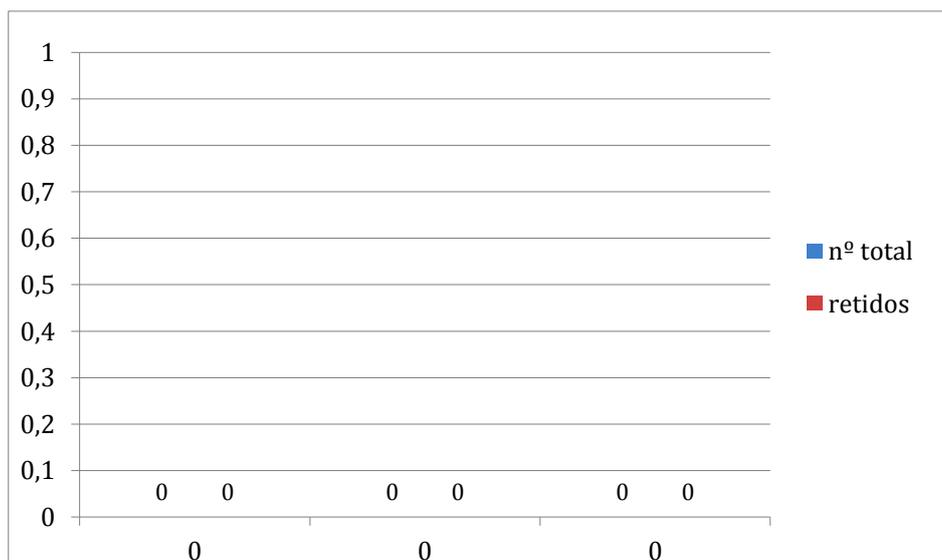


Tendo ainda em conta os dados do relatório de análise global dos resultados da avaliação interna e externa de 2014/2015 da disciplina de Português, elaborado pelo coordenador de Área Disciplinar, podemos referir que: “relativamente à Prova final, esta foi realizada por 69 (sessenta e nove) alunos, uma vez que uma aluna NEE (disléxica) realizou a prova nacional e a mesma entra nas análises estatísticas dos resultados globais.

Relativamente aos resultados globais da Prova Final, a média situou-se nos 60%, ligeiramente acima da média nacional que se ficou pelos 59,5%. De referir que a média global ao longo do ano letivo se balizou entre os 58%, no primeiro período e os 68%, no segundo período. Alcançou-se, assim, um resultado dentro das médias registadas ao longo do ano.

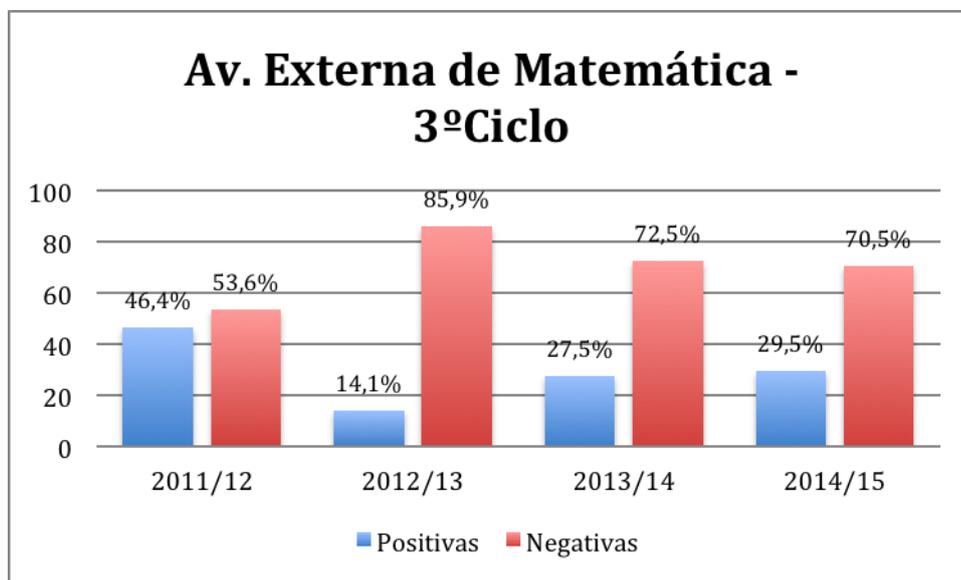
Relativamente à taxa de sucesso global, fixou-se nos 80%, também esta dentro dos valores alcançados ao longo do ano (80% no primeiro período e 93% no segundo período).”

Taxa de transição

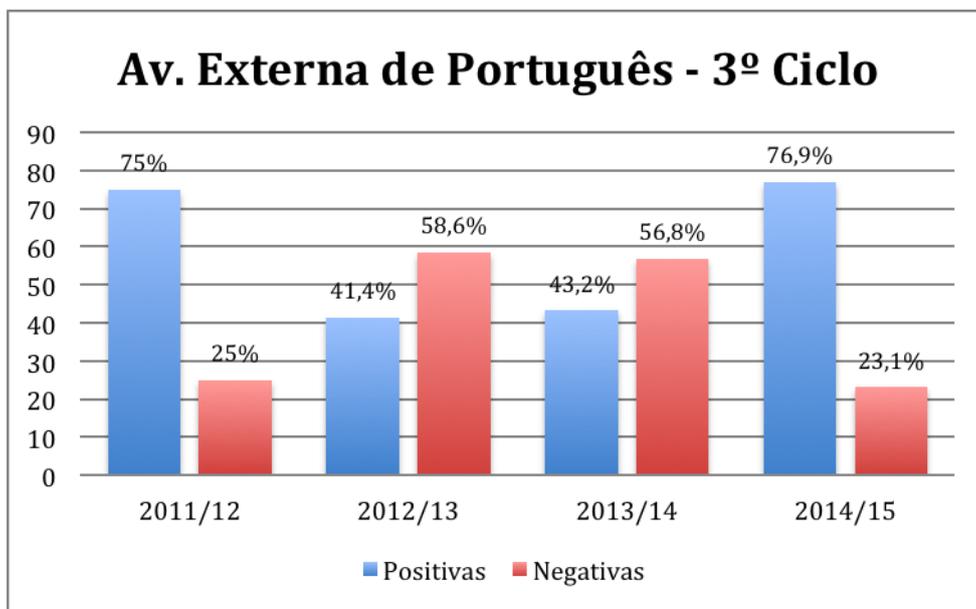


Da observação do gráfico retira-se que no último ano letivo o número de retenções foi o mais baixo dos últimos três anos. Essa diminuição foi superior a 50% comparando com o ano lectivo anterior.

6.3. 3º Ciclo

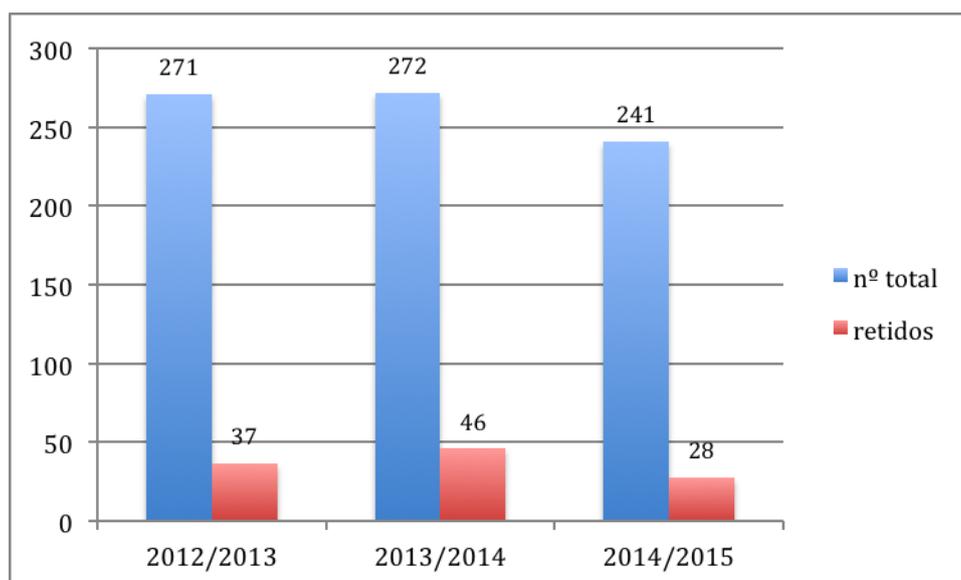


Analisando o gráfico podemos constatar que a percentagem de negativas tem vindo a diminuir, nomeadamente ao longo dos três últimos anos, embora este último essa decida tenha sido menos expressiva que a do ano anterior.



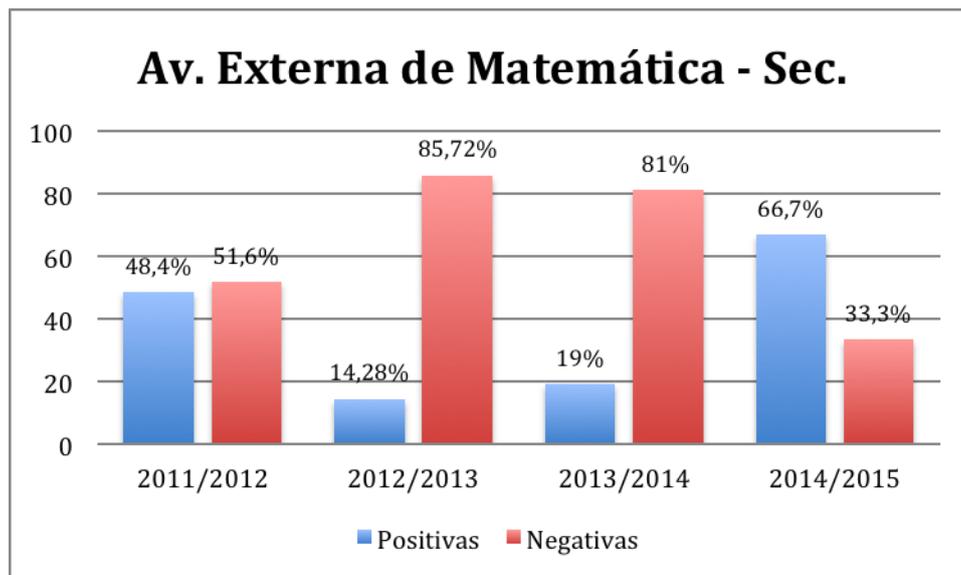
Realizaram a prova final de Português 78 alunos. Os resultados da prova foram satisfatórios, tendo em conta que representam uma melhoria muito significativa em comparação com os resultados da prova de 2014 (subida de 34% na taxa de sucesso e de 12% na média), apresentando-se em sintonia com os resultados a nível nacional, tanto em termos de média (58%) como de taxa de sucesso (77%). Verificou-se ainda uma melhoria global ao nível dos vários domínios, à exceção do domínio da Gramática, onde a taxa de sucesso foi negativa (32%) e ficou aquém do esperado.

Taxa de transição

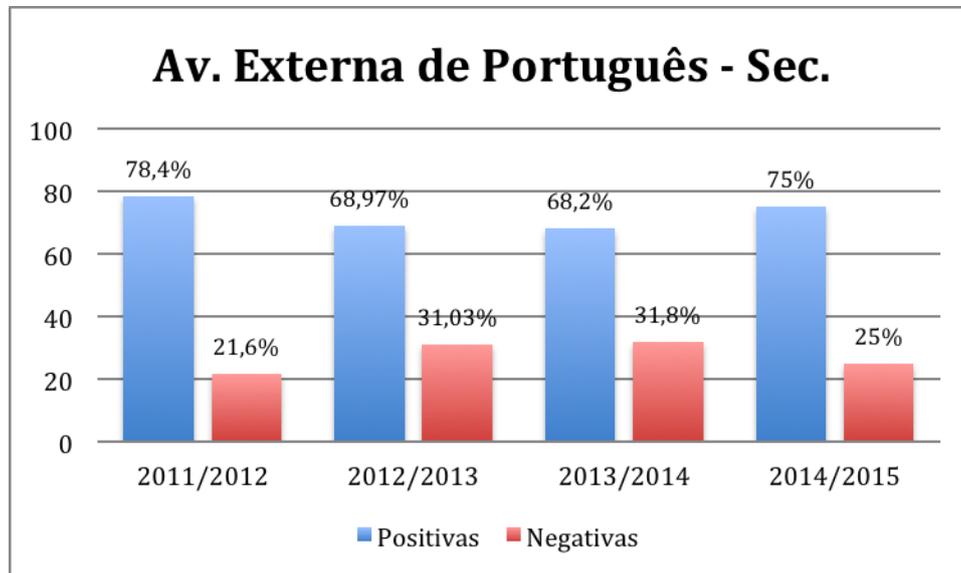


A taxa de transição, da leitura do gráfico, diminuiu para quase metade da registada no ano lectivo de 2013/14 (46 alunos), sendo mesmo a mais baixa dos últimos três anos lectivos (28 alunos).

6.4. Ensino Secundário



Analisando o gráfico anterior verificamos que a percentagem de negativas tem mantido uma constante de descida e que esta foi particularmente acentuada no último ano letivo, tendo o sucesso atingido os 66,7%, valor mais elevado dos últimos quatro anos.

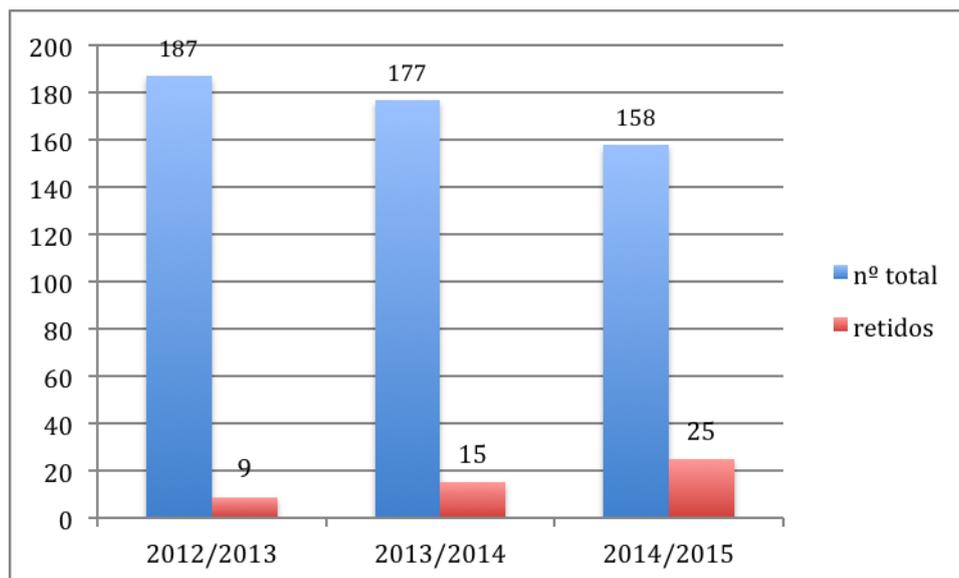


Realizaram o exame nacional de Português, como internos, 33 alunos. Os resultados apresentam uma taxa de sucesso de 75,8%, uma média global de 11,7 valores e as classificações variaram entre 4,2 valores e 19 valores. A média das classificações de frequência dos alunos em exame foi de 12,8 valores, tendo-se registado uma discrepância de -1,1 valores nos resultados do exame, o que não é muito significativo. Aliás, verifica-se um equilíbrio e uma aproximação bastante grande entre a classificação de frequência e a classificação de exame da maioria dos alunos: 70% (23 alunos) obtiveram a mesma

classificação ou uma variação de apenas um valor. Dos alunos em exame, apenas dois (6%) não conseguiram obter aprovação final na disciplina, em resultado das classificações obtidas no exame, percentagem que está em sintonia com os resultados a nível nacional.

Globalmente os resultados do exame foram satisfatórios e estão muito próximos dos resultados obtidos pelo agrupamento no ano letivo anterior, apresentando, inclusivamente, uma média superior em 0,7 valores à média do exame a nível nacional, que foi de 11 valores.

Taxa de transição



A constatação retirada do gráfico é de que o número de retenções no ensino secundário tem vindo a aumentar desde 2012/2013.

6.5. Saídas dos Alunos

No âmbito das saídas dos alunos do ensino secundário e entrada no ensino superior verificamos o seguinte:

Ano Letivo 2014/2015

1ª Fase

Alunos inscritos para exame	94	100%
Apresentaram candidatura	25	27%
Foram colocados na 1ª fase	23	24,46%

2ª Fase

Alunos inscritos para exame	43	100%
Apresentaram candidatura	7	16,3%
Foram colocados na 2ª fase	6	13,9%

Ano Letivo 2013/2014**1ª Fase**

Alunos inscritos para exame	87	100%
Apresentaram candidatura	14	16%
Foram colocados na 1ª fase	14	16%

2ª Fase

Alunos inscritos para exame	47	100%
Apresentaram candidatura	5	10,6%
Foram colocados na 2ª fase	5	10,6%

Ano Letivo 2012/2013**1ª Fase**

Alunos inscritos para exame	89	100%
Apresentaram candidatura	12	13,4%
Foram colocados na 1ª fase	11	12,3%

2ª Fase

Alunos inscritos para exame	52	100%
Apresentaram candidatura	6	11,5%
Foram colocados na 2ª fase	6	11,5%

Analisando os últimos três anos letivos, verificamos que há um número reduzido de alunos que se candidata ao ensino superior, ainda assim, verifica-se um aumento significativo de alunos a apresentarem candidatura no último ano (de 16% em 2013/2014 para 27% em 2014/2015). De referir que grande número dos candidatos obteve colocação no ensino superior, nos três anos analisados.

7. Domínio “Processos a nível de sala de aula”

7.1. Assessorias a Português

O quadro que se segue apresenta a evolução das taxas de sucesso nas turmas que beneficiaram da implementação das assessorias.

Turmas	Avaliação (taxa de sucesso)							Taxa de sucesso final (avaliação interna)	
	Diagnóstico	assessoria	1º período	assessoria	2º período	assessoria	3º período	13-14	14-15
6ºA	57%	X	95%		95%		100%	<u>6º ano</u> 80%	<u>6º ano</u> 91%
6ºB	81%		89%	X	90%	X	90%		
6ºC	53%	X	63%	X	79%	X	79%		
6ºD	89%		84%		100%		100%		
8ºA	50%		75%		85%		95%	<u>8º ano</u> 86%	<u>8º ano</u> 87%
8ºB	47%	X	82%		65%	X	82%		
8ºC	43%		63%	X	71%		75%		
8ºD	47%		71%		76%		94%		
9ºA	40%		65%		70%		80%	<u>9º ano</u> 80%	<u>9º ano</u> 83%
9ºB	48%		57%	X	71%		81%		
9ºC	53%		74%	X	89%		89%		
9ºD	26%	X	74%		63%	X	84%		
9ºE	33%	X	74%		63%	X	82%		

(Retirado do Relatório de funcionamento das assessorias de português - final de ano)

Ainda segundo o Relatório elaborado pelo Coordenador de Área Disciplinar e sobre o quadro apresentado, o mesmo afirma que “a implementação das assessorias foi decisiva na melhoria dos resultados de avaliação das turmas que apresentavam maiores taxas de insucesso e na consolidação daqueles resultados. De facto, particularmente no terceiro ciclo, verificou-se que determinadas turmas que beneficiaram das assessorias no primeiro período, mas que não beneficiaram da medida no segundo período, revelaram uma subida da taxa de sucesso no período em que a assessoria foi implementada, mas voltaram a baixar essa taxa no período seguinte, e, curiosamente, voltaram a subir as taxas de sucesso no terceiro período, aquando da reintrodução da medida...”

Refere ainda que “...a implementação das assessorias traduziu-se numa subida das taxas de sucesso final, ao nível da avaliação interna, quando comparados os resultados do presente ano letivo com os resultados do ano letivo anterior, a qual foi mais expressiva no 6º ano”.

Conclui afirmando que: *“Por conseguinte, o balanço final da implementação da medida é que a mesma surtiu o efeito pretendido, deu um contributo importante para a melhoria das aprendizagens dos alunos e permitiu facultar-lhes um apoio mais individualizado e personalizado, com reflexo na superação das suas dificuldades à disciplina. Considera-se, por conseguinte, que os objetivos das assessorias pedagógicas de Português foram satisfatoriamente alcançados.”*

7.2. Assessorias a Matemática

Segundo relatório de final de ano letivo, o objetivo desta Ação era:

“Colmatar as dificuldades sentidas pelos alunos à disciplina de Matemática, através da sensibilização destes para “raciocinar, experimentar e fazer”, em grupo ou individualmente.

Durante o período compreendido entre o dia dois de março de 2015 e o final do terceiro período, teve lugar um plano de assessorias técnico-pedagógicas às turmas do 2ºCiclo.

Estas assessorias foram distribuídas de acordo com as necessidades específicas dos alunos de cada turma e o seu calendário elaborado numa reunião de grupo, onde se conjugou a disponibilidade de horário da professora responsável por estas assessorias com o horário das referidas turmas.”

O mesmo relatório refere que a docente procurou *“... auxiliar todos os alunos, mas dando sempre mais atenção aos alunos com mais dificuldades e que me foram assinalados pelas docentes titulares”*.

O objetivo da sua presença na sala *“... era o de estar o mais próximo dos alunos possível, auxiliando-os no esclarecimento das suas dúvidas e resolução das tarefas propostas, sendo que tal seria muito mais custoso estando apenas um docente presente”*.

Do relatório final constata-se que em quatro turmas apoiadas o sucesso à disciplina melhorou, leia-se em número de níveis três. Em duas delas o sucesso manteve-se, não melhorando os resultados do segundo para o terceiro período.

A docente avalia a atividade afirmando que:

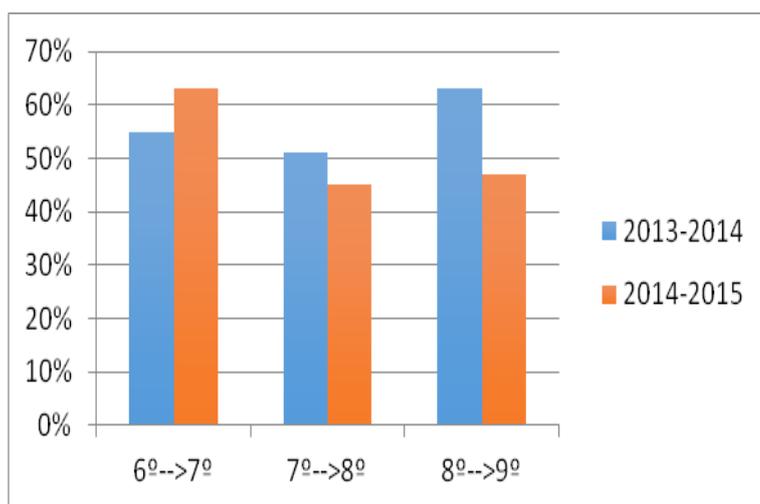
“Face aos resultados obtidos, considero que o trabalho desenvolvido foi positivo, uma vez que é considerável o número de alunos que, em tão curto espaço de tempo, conseguiram melhorar a sua atitude e empenho dentro da sala de aula, o que se refletiu no aproveitamento escolar. A maioria dos alunos que beneficiaram de uma parceria minha com as professoras titulares, recebeu muito bem a iniciativa e solicitavam bastante a minha ajuda, aproveitando ao máximo o facto de terem mais uma professora “à disposição” na sala.

Para uma análise mais rigorosa e fidedigna desta atividade, seria necessário que a mesma fosse aplicada de forma contínua ao longo de vários anos letivos”.

7.3. Turma N+1 (Matemática)

Segundo o Relatório elaborado no final do ano letivo, “A turma N+1 foi implementada do 7º ao 9º ano de escolaridade. Os alunos que integraram a turma N+1 foram escolhidos, no início do presente ano letivo, por sorteio aleatório, de modo a que todas as turmas, do mesmo ano de escolaridade, ficassem, idealmente, com o mesmo número de alunos. Assim, funcionaram 4 turmas do 7º ano com 16 alunos cada, 5 turmas do 8º ano com 18 (2 turmas) e 17 (3 turmas) alunos e por último, 6 turmas do 9º ano de escolaridade com 19 (2 turmas) e 18 (4 turmas) alunos. Esta distribuição funcionou até dia 13 de maio, altura em que os alunos regressaram às turmas de origem.

A evolução do sucesso dos alunos que integraram o Projeto está representada no gráfico abaixo, retirado do Relatório final do Projeto Turma N+1 – Matemática, assim como a comparação “... com a taxa de sucesso obtida pelos mesmos no ano letivo anterior”.



Segundo o mesmo relatório: “Analisando o gráfico conclui-se que a taxa de sucesso aumentou no 7º ano e diminuiu nos 8º e 9º anos, sendo a descida mais acentuada no 9º ano”.

É também referido que a qualidade do sucesso “... melhorou no 7º ano de escolaridade, não houve alterações significativas no 8º ano e no 9º ano de escolaridade”.

Ano de escolaridade	Nível	% de alunos por nível de entrada	% de alunos por nível atual	Variação (%)
7º	1	0	0	0
	2	44,6	36,5	-8,1
	3	33,9	33,3	-0,6
	4	13,8	19,1	5,3
	5	7,7	11,1	3,4
8º	1	0	0	0
	2	48,8	55,2	6,4
	3	30,7	25	-5,7
	4	14,8	14,5	-0,3
	5	5,7	5,3	-0,4

9º	1	1	0	-1
	2	35,7	53,2	17,5
	3	45,9	34,8	-11,1
	4	11,3	8,7	-2,6
	5	6,1	3,3	-2,8

(Retirado do Relatório final do Projeto da Turma N+1 - Matemática)

Conclui que “O ano de escolaridade em que se verificou uma melhoria do desempenho dos alunos foi precisamente o ano em que as turmas obtidas eram de menor dimensão”.

7.4. Turmas de Ancoragem

O Plano de Atividades a desenvolver por esta Ação determinava:

- Favorecer o ensino individualizado;
- Promover hábitos de estudo, métodos de trabalho e organização;
- Utilizar material didático adequado e concretizador;
- Melhorar a aquisição de conhecimentos através da prática do trabalho de grupo e da entreajuda;
- Utilizar o reforço positivo durante a execução das tarefas, sempre que se verifiquem pequenos progressos, visando aumentar a autoestima;
- Desenvolver o gosto pela matemática, apresentando jogos lógicos de uma forma apelativa e que incentivem à comunicação matemática, ao confronto de ideias e ao desenvolvimento do raciocínio.

Segundo o Relatório Final da Ação, os resultados globais em termos de sucesso foram os espelhados nos quadros seguintes, retirados do referido relatório.

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
1.º e 2.º	3	Uma manhã por semana

Assessorias	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	3	1	2	33,3%	1	2	33,3%

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
2.º	5	Todas as manhãs e tardes, à exceção de quarta-feira

Turma de Ancoragem	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	5	2	3	40%	5	0	100%
Matemática	5	4	1	80%	5	0	100%

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
2.º	5	10h (5h para cada grupo de alunos)

Assessorias	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	5	2	3	40%	3	2	60%
Matemática	5	3	2	60%	3	2	60%

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
2.º	4*	10h

Assessorias	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	4	4	0	100%	4	0	100%
Matemática	4	4	0	100%	4	4	100%

*estes 4 alunos tiveram apoio apenas porque estavam integrados numa turma do 4º ano

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
3.º	10	Todas as manhãs e 3 tardes

Turma de Ancoragem	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	10	0	9	0%	9	1	90%
Matemática	10	0	9	0%	6	4	60%

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
3.º/4º	5	12h

Assessorias	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	5	0	5	0%	5	0	100%
Matemática	4	0	4	0%	4	0	100%

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
3.º	10	10h (distribuídas por todos os alunos)

Assessorias	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	6	0	6	0%	5	1	83,3%
Matemática	10	3	7	30%	9	1	90%

Ano	Nº alunos	Carga horária semanal
4.º	17	10 h (distribuídas por todos os alunos)

Assessorias	Total de alunos apoiados	Avaliação inicial		Percentagem de sucesso	Avaliação final		Percentagem de sucesso
		Positiva	Negativa		Positiva	Negativa	
Português	7	2	5	28,6%	7	0	100%
Matemática	17	1	16	5,9%	10	7	70%

Da avaliação efetuada no final do ano retira-se que:

“Ao longo do ano, este grupo de alunos foi melhorando significativamente os seus resultados e em todos os casos houve uma evolução positiva, ao nível das aprendizagens.

Foram apoiados 41 alunos a português e 51 a matemática:

- Dos 41 alunos apoiados a português, 36 obtiveram resultados positivos (87,8% de sucesso);

- Dos 51 alunos apoiados a matemática, 37 obtiveram resultados positivos (72,5% de sucesso).

Estes alunos melhoraram de forma satisfatória a sua autonomia, mas necessitam ainda de apoio para resolverem algumas das atividades propostas, solicitando, com alguma frequência, um apoio mais individualizado. São alunos que precisam de melhorar os seus hábitos de trabalho e de estudo, na escola e em casa. Refere-se, ainda, que estes alunos são muito instáveis na sua aprendizagem e apresentam dificuldades de memorização de conteúdos”.

Em conclusão, é referido no Documento “Avaliação das Ações do Plano de Melhoria”, do Departamento Curricular do 1º ciclo, que:

“Analisando os resultados obtidos pelos alunos que tiveram apoio, quer como Assessorias (87,1%) quer nas Turmas de Anclagem (92,3%), é lícito afirmar que foram uma mais valia para o sucesso dos mesmos”.

7.5. Apoio ao Estudo de Português

Os objetivos da atividade, comuns aos dois ciclos de ensino (2º e 3º) eram:

- Melhorar o desempenho escolar, ao nível da disciplina de Português;
- Permitir um apoio mais individualizado aos alunos;
- Combater os índices de abandono e insucesso escolares.

Assim, a avaliação efetuada no final do ano está refletida em alguns excertos retirados dos relatórios apresentados em Conselho de Turma.

“A avaliação é absolutamente positiva pela assiduidade verificada. A avaliação é positiva, uma vez que a percentagem de sucesso situa-se nos 100%”.

“A avaliação é absolutamente positiva pelo acompanhamento realizado pelos alunos em relação ao ritmo de trabalho imposto, necessário para a realização da prova final de ciclo de português. A avaliação é positiva, uma vez que a percentagem de sucesso manteve a do 2º período”.

“O balanço da atividade foi muito positivo. De modo geral, os alunos foram assíduos e participaram nas atividades propostas de forma empenhada e responsável. Verificou-se um clima de entajuda entre os elementos do grupo de trabalho, o que favoreceu o reforço das aprendizagens e um maior à-vontade na apresentação das dificuldades.

A seleção dos conteúdos e competências a trabalhar nas aulas de apoio tiveram sempre como ponto de partida as dificuldades evidenciadas nas aulas da disciplina e/ou os pedidos de esclarecimento apresentados pelos alunos.

Saliento a postura de perseverança e envolvimento adotado pela maioria dos discentes, o que contribuiu em muito para o alcance do sucesso à disciplina”.

“O balanço da atividade é positivo, visto que alguns alunos aproveitaram as aulas de apoio, manifestando agrado em colmatar as suas dificuldades. Outros, porém, não foram assíduos, referindo que era suficiente terem usufruído da assessoria e desceram a sua avaliação neste período”.

“Verificou-se uma evolução bastante positiva ao nível dos resultados da avaliação dos alunos, observável pelas taxas de sucesso à entrada e à saída. Em termos globais, constatou-se uma melhoria das aprendizagens, particularmente no que toca aos conteúdos gramaticais e à escrita. O balanço final é, por conseguinte, bastante positivo”.

“Lamentavelmente, a falta de assiduidade ou a assiduidade muito reduzida de uma boa parte dos alunos impediu que os progressos na aprendizagem fossem mais notórios e consistentes. Apesar dos esforços do docente, dos seus apelos a uma maior assiduidade, da consciencialização da importância da consolidação das aprendizagens tendo em conta a realização de uma prova no final do ano, a verdade é que não consegui convencer uma boa parte dos alunos a frequentar estas aulas com assiduidade, os quais sempre revelaram falta de empenho e pouca perseverança na superação das suas dificuldades”.

Da análise documental feita aos relatórios das atas dos Conselhos de Turma podemos retirar algumas conclusões:

Para a maioria dos docentes esta medida de apoio foi positiva, pese embora haja referências menos positivas, nomeadamente no que diz respeito à assiduidade e ao empenho e perseverança dos alunos no sentido de colmatar as suas dificuldades.

7.6. Apoio ao Estudo de Matemática

Foram objetivos da atividade desenvolvida:

- Proporcionar aos alunos uma aprendizagem mais diferenciada e individualizada;
- Esclarecer dúvidas apresentadas pelos alunos;
- Melhorar os resultados de aprendizagem e o sucesso à disciplina;
- Colmatar dificuldades relativas a conteúdos que iam sendo lecionados e diagnosticar possíveis lacunas inerentes e impeditivas na aquisição de novos conhecimentos;
- Prestar um apoio individualizado, diferenciando as propostas a cada aluno, em função das suas características.

Relativamente à avaliação efetuada pelos docentes da disciplina tiram-se algumas das avaliações registadas nos Anexos às atas dos Conselhos de Turma.

“O balanço da atividade, no momento, é pouco satisfatório, na medida em que os alunos mantiveram o nível relativamente ao final do ano letivo anterior. De um modo geral as aulas de apoio

têm contribuído para a consolidação das aprendizagens realizadas nas aulas, possibilitando a realização de exercícios, a revisão de conteúdos e o esclarecimento de dúvidas que, de outro modo, não seriam possíveis no horário normal da disciplina, por manifesta falta de tempo.

Continuar a desenvolver esforços no sentido de os alunos com menos assiduidade frequentarem o apoio.

Melhorar as aprendizagens, propondo treino de cálculo mental e de resolução de problemas associados ao real, sistematizando uma metodologia intuitiva”.

“Os alunos participaram ativamente na resolução das tarefas propostas e expuseram as suas dúvidas.

Os exercícios foram realizados com alguma dificuldade pelas alunas, mas com grande empenho e interesse pelo _____.

No próximo ano letivo, os alunos devem fazer um estudo mais regular dos conteúdos lecionados, devem esclarecer as suas dúvidas e rever conteúdos e conceitos previamente abordados sempre que tal se justifique”.

“Os alunos foram pontuais e assíduos e revelaram interesse e empenho pelas atividades propostas. Os alunos apresentaram um bom comportamento.

Apesar dos alguns progressos alcançados, a maioria dos alunos continuam a apresentar diversas dificuldades que precisam de ser colmatadas”.

“A assiduidade (registada em documento fornecido à Diretora de Turma), foi boa com exceção da aluna _____ e _____.

A esta assiduidade não correspondeu o mesmo empenho, tendo notado que em muitos casos os alunos só frequentavam com intuito de registarem presença.

As aulas de apoio, neste período, serviram de reforço aos conteúdos que iam sendo lecionados, mas ao contrário do pretendido, não foram os alunos com dificuldades que registaram evolução positiva, devido ao pouco empenho registado. Esta situação acentuou a já enorme discrepância de conhecimentos entre alunos da turma.

No próximo período, apesar do apoio ser para todos os alunos vou direcioná-lo para os alunos mais próximos de atingirem as metas curriculares”.

“Os alunos foram pontuais e pouco assíduos.

Os alunos acabaram por evidenciar algum interesse e empenho pelas atividades propostas, nomeadamente os alunos _____ e _____, que no decorrer das atividades de apoio ao estudo evidenciaram algumas melhorias no seu desempenho. No entanto estas melhorias não se traduzem em melhorias efectivas nos resultados à disciplina porque, estes alunos não realizam um estudo consistente”.

Em conclusão, surgem referências à assiduidade como fator de menor sucesso, assim como ao estudo pouco regular. São apontadas algumas melhorias que por vezes não correspondem aos alunos com mais dificuldade.

8. Domínio “Processos a nível da escola”

8.1. Projeto “Aula de Convivência”

A Aula de Convivência é uma medida para tentar melhorar as condutas e atitudes dos alunos que apresentam dificuldades na convivência e melhorar o clima nos grupos-turma e na escola.

A Aula de Convivência é um espaço onde se ajuda o aluno a refletir sobre a conduta que deu origem à sua saída de sala de aula, com o objectivo concreto de mudar os comportamentos inadequados dos alunos em contexto de sala de aula. A Aula de Convivência contribuirá assim para a diminuição de comportamentos indisciplinados e disruptivos em contexto de sala de aula.

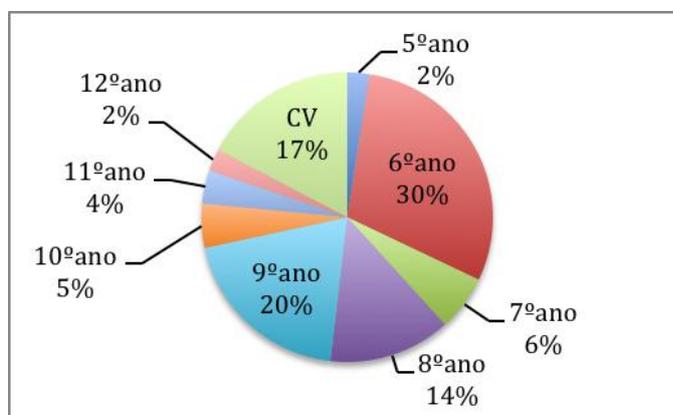
O projeto “Aula de Convivência” tinha como principais objetivos:

- Que os alunos compreendam o seu comportamento e o resultado da sua conduta;
- Procurar dissuadir os alunos de comportamentos inadequados.

Procurando avaliar a Aula de Convivência, verificando se as metas foram atingidas, podemos observar que houve efetivamente uma significativa diminuição de alunos reincidentes neste tipo de comportamentos, assim como uma diminuição das saídas de sala de aula dos alunos, motivadas por comportamento inadequados.

Ao longo deste ano letivo foram orientadas pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, 81 aulas de convivência (menos 74 do que no ano letivo anterior, houve uma redução de 47,7%), acompanhando 62 alunos (menos 21 do que no ano letivo anterior, houve uma redução de 25,3%), e destes, 14 alunos tiveram comportamentos reincidentes (menos 14 do que no ano letivo anterior, 50% menos).

Convém realçar que 48 alunos foram acompanhados com êxito e que não voltaram a ter o mesmo tipo de comportamento dentro da sala de aula, fazendo com que esta ação tenha tido uma taxa de eficácia na ordem dos 77,42%.



8.2. Projeto de Mediação Escolar

A mediação de conflitos em contexto escolar apresenta-se como uma excelente ferramenta educativo-pedagógica que proporciona aos alunos e comunidade educativa a aquisição de competências que permitem reforçar a convivialidade e cooperação dentro da sala de aula e na escola.

Assim, a mediação prepara os alunos para a imparcialidade, a escuta ativa, a empatia, gerir a informação, atender aos interesses e necessidades, acolher as emoções e os sentimentos, tão importantes para o bom funcionamento interpessoal e profissional na Escola.

Em suma, a mediação assume um objectivo eminentemente educativo e preventivo, sendo potenciadora do conhecimento de si e do outro e de hábitos de convivência: como o respeito, a tolerância, a justiça e a solidariedade, que devem ser a base da Sociedade, da Família e da Escola.

O projeto de Mediação Escolar, neste ano letivo, trabalhou quer na remediação de problemas, quer na prevenção de indisciplina/comportamentos disruptivos, isto é: a mediação de conflitos na escola (sala de aula e recreio); na formação e apoio a mediadores-alunos e ajudantes recreio; na divulgação das atividades desenvolvidas pelo Gabinete de Mediação de Conflitos e Clube do Mediador (materiais pedagógicos, aulas de formação pessoal e social dadas por alunos-mediadores, cartazes); nas aulas de gestão e mediação de conflitos integradas nas temáticas abordadas na Formação Pessoal e Social; na utilização do Cantinho da Paz (Centro Escolar de Tarouca) e Gabinete de Mediação de Conflitos (Escola Sede) para os alunos colocarem em prática as técnicas de resolução e mediação de conflitos.

Nas sessões de “Mediação para a Convivência entre Pares” integradas nas aulas de Formação Pessoal e Social, das turmas do 1º, 2º e 3º ciclos foram abordados diversos tópicos fundamentais no âmbito da convivialidade e da resolução de conflitos, nomeadamente: problemas de convivência na escola, atitudes comunicacionais, atitudes de partilha e acolhimento de emoções e sentimentos; investigação de interesses e necessidades e abordagens e tipos de resolução de conflitos: como próprios ou como terceiros.

No seu todo, o projeto de Mediação Escolar pretendia atingir os seguintes objetivos:

- Promoção de uma educação para a convivência, isto é, ensinar os alunos, assistentes operacionais e encarregados de educação da necessidade que há em manter a convivência pacífica aquando do surgimento de um conflito ou de problemas com o outro;
- Uso da Mediação de Conflitos (técnicas e metodologias) para a resolução positiva de todos os conflitos da escola;
- Capacitar os diversos intervenientes na escola para a Mediação e Gestão dos conflitos.

Relativamente às metas traçadas para este projeto, podemos aqui mencionar que elas foram atingidas, concretizando-se nas diversas aulas de Mediação de Conflitos integradas na disciplina de Formação Pessoal e Social, no aumento dos conflitos resolvidos com acordo entre as partes (em contexto de gabinete) e no aumento dos alunos a frequentarem o Clube do Mediado

9. Domínio “O Meio”

9.1. Projeto de promoção da relação entre a escola e as famílias

Este projeto dirige-se às famílias dos alunos, procurando melhorar os níveis de informação dos pais em relação à escola, bem como das competências educativas parentais. Este projeto foca-se na necessidade da adoção de estratégias adaptativas adequadas para ajudar a promover o desenvolvimento das crianças e jovens e, assim, contribuir para um melhor desempenho parental.

Além disso, procura-se estimular o papel ativo e participativo dos pais no seio da Escola, mostrando-lhes as vantagens e interesse de se associarem à escola para potenciarem o desenvolvimento adequado dos seus filhos.

Assim, neste ano letivo, levamos estas sessões às juntas de freguesia e, em cada mês, visitámos uma junta de freguesia do concelho de Tarouca, onde promovemos um debate com os Encarregados de Educação dessa freguesia.

Estas sessões iniciaram-se com a explicitação do Estatuto do Aluno e Ética Escolar, destacando os direitos e deveres dos alunos e os deveres dos encarregados de educação; de seguida, era aberto o debate com os pais, discutindo uma série de situações-problema relacionadas com o incumprimento de deveres do aluno; concluindo, com alguns conselhos para ajudar os pais a acompanhar o processo de ensino e de aprendizagem dos seus educandos.

As metas traçadas para esta ação foram atingidas, isto é, realizaram-se as sessões que foram previstas, tendo-se verificado uma maior adesão de encarregados de educação, do que no anterior ano letivo, destacando-se uma forte adesão nas juntas de freguesia mais afastadas da sede de concelho (como Várzea de Serra, São João de Tarouca e Gouviães).

10. Focus Groups

O *focus group* ou grupo de discussão é um método de investigação social que se desenvolve fazendo uso de uma discussão estruturada, que pretende a partilha dos diferentes pontos de vista dos participantes. Inicialmente, este era um método muito utilizado em estudos de mercado, mas tem vindo a ser aplicado com frequência a diversos contextos, inclusive em investigação de âmbito académico. “A técnica tem particular interesse na análise de temas ou domínios que levantam opiniões divergentes ou que envolvem questões complexas que precisam de ser exploradas em maior detalhe”¹⁰.

Metodologia

Inicialmente foi solicitado a cada departamento curricular a indicação de quatro docentes e constituídos dois grupos a serem entrevistados. Por forma a manter uma certa heterogeneidade foram distribuídos dois docentes de cada departamento por grupo.

Em relação aos encarregados de educação foi pedida a presença dos representantes das várias turmas e constituídos, também, dois grupos de entrevistados com treze elementos. Também aqui a distribuição efetuada procurou manter a representatividade de todos os anos de escolaridade.

Em relação aos alunos, foram ouvidos em entrevista os delegados ou subdelegados de turma, divididos em quatro grupos, sendo um exclusivamente constituído por alunos do Centro Escolar. Nos restantes procurou-se, também, manter uma certa heterogeneidade e representatividade dos vários anos e ciclos de escolaridade.

Relativamente aos assistentes operacionais foram ouvidos os que naquele dia e naquela hora se encontravam sem serviço ou que pudessem ausentar-se sem prejuízo do trabalho a efetuar de forma a não prejudicar o funcionamento da escola.

As entrevistas foram gravadas com recurso a gravação áudio com garantia de sigilo da informação recolhida, no que diz respeito à identificação dos intervenientes, e utilização da informação apenas para uso da Comissão e destruição das mesmas após a elaboração do relatório final.

Em cada entrevista, inicialmente, foram dadas a conhecer as áreas objeto de avaliação e a metodologia utilizada pela Comissão.

¹⁰ A Avaliação do Desenvolvimento Socioeconómico, MANUAL TÉCNICO II: Métodos e Técnicas A Recolha de Dados: *Focus Groups* (Grupos de Discussão)

Guião de Focus Group

Público-alvo	Questões
Docentes	Como caracteriza a evolução dos resultados escolares ao longo dos últimos 2 anos?
	E como explica essa evolução?
	Qual tem sido a eficácia das medidas de apoio implementadas? Que fatores favorecem e que fatores inibem a eficácia das medidas de apoio?
	Como têm evoluído os comportamentos dos alunos, na sala de aula? Relativamente ao ano passado, aumentaram ou diminuíram os atos indisciplinados?
	Quais são, no seu entender, os fatores que explicam essa evolução?
	Como tem evoluído o envolvimento dos Encarregados de Educação? Que fatores justificam essa evolução?
	Como avalia as ações implementadas pelo Agrupamento no sentido de conseguir um maior envolvimento das famílias?
	Quais são as saídas (profissionais ou de prosseguimento de estudos) dos seus alunos?
Pais e Encarregados de Educação	Em seu entender, os resultados escolares dos alunos do Agrupamento têm melhorado ou piorado? E porquê?
	Que medidas de apoio às dificuldades de aprendizagem dos alunos sabe que estão implementadas pelo Agrupamento? Que pensa delas? Acha que resultam? Porquê?
	Em seu entender, os comportamentos dos alunos na sala de aula e nos recreios são maioritariamente apropriados ou maioritariamente incorretos? E o que pensa da ação do Agrupamento neste domínio?
	Uma boa colaboração da Escola com a Família é tida como essencial para o sucesso educativo dos alunos. Como avalia esta relação neste Agrupamento? O que falta fazer e poderia ser feito?
	Achas que a escola te ajuda o seu filho a conseguir o futuro que deseja?
Alunos	Achas que os resultados escolares neste Agrupamento estão a melhorar ou a piorar? E porquê?
	O Agrupamento tem uma série de medidas de apoio às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Conhece-las e beneficia delas? Como as avalias: dão resultado ou não? E porquê?
	Na tua turma verificam-se muitos atos de indisciplina? E quanto tempo da aula é perdido por causa deles?
	Conheces as medidas que o Agrupamento tem para lidar com a indisciplina? E o que achas delas? Resultam ou não e porquê?
	O(a) teu(tua) Encarregado(a) de Educação acompanha o teu trabalho e comportamento na escola?

	Já pensaste no que queres ser no futuro? Achas que a escola te pode ajudar a conseguir esse futuro que desejas?
Funcionários	Como caracteriza a evolução dos resultados escolares ao longo dos últimos 2 anos? E como explica essa evolução?
	Conhece as medidas de apoio às dificuldades de aprendizagem dos alunos que o Agrupamento tem vindo a implementar? O que pensa da sua eficácia?
	Como caracteriza as relações entre alunos e funcionários no dia a dia do Agrupamento?
	Entende que o Agrupamento tem uma estratégia eficaz para prevenir e remediar a indisciplina? Que outras medidas tomaria?
	O que pensa do envolvimento dos Encarregados de Educação? São eficazes as medidas que o Agrupamento tem para conseguir aumentar esse envolvimento? Que mais poderia ser feito?
	Quais são as saídas (profissionais ou de prosseguimento de estudos) dos alunos deste Agrupamento?

11. Análise dos Focus Group dos Encarregados de Educação

1. Domínio “Resultados”

a) Apreciação geral dos Resultados Escolares

Relativamente à apreciação geral dos resultados escolares do Agrupamento por parte dos encarregados de educação, estes referem que consideram que os resultados têm vindo a melhorar e que sentem que no primeiro ciclo algumas turmas têm uma carga de trabalhos de casa muito grande, acabando por deixar pouco tempo para os meninos descansarem ou estarem tranquilamente com a família. Afirmam ainda que as aulas depois das três e meia poderiam ser direccionadas para o apoio aos trabalhos de casa e à consolidação da matéria dada durante o dia.

“Se as aulas que existem depois das três e meia (...) podia-se aproveitar (...) uma destas horas para apoiar os trabalhos de casa.”; “Acho que são muitos os trabalhos de casa que mandam pra fazer.”; “... os nossos resultados estão a nível nacional, portanto os resultados são (...) aliás no 1º ciclo estão acima da média.”

De salientar ainda que os pais referem que os programas curriculares estão mais exigentes e massivos, o que poderá vir a ter um impacto menos positivo nos resultados escolares dos filhos e na relação com a família: *“A criança acaba por nunca brincar em casa. Em vez dos pais estarem a passar um momento sereno com os filhos é: anda lá despacha-te, faz os trabalhos de casa (...) E acabam por estar cansados. E os pais estão cansados.”; “Os novos programas são muito massivos prós alunos.*

Muito massivos.”; “Tudo isso tem a ver com os novos programas que estão em vigor nas escolas. Os professores não têm tempo na sala de aula. E depois mandam pra casa.”

Após análise das entrevistas efectuadas, é possível verificar que a maioria dos encarregados de educação considera que a evolução dos resultados escolares do Agrupamento tem sido positiva: *“Eu tenho cá uma filha (...) está no 7º ano e os resultados têm sido melhores de ano para ano.”; “Eu acho que estão a melhorar, posso falar da turma...”;* *“Em a minha opinião têm melhorado...”*

Razões/fatores explicativos da evolução dos resultados escolares

Relativamente aos factores que poderão estar a contribuir para a melhoria dos resultados escolares no Agrupamento, os pais referem razões diversificadas, como sejam, os apoios concedidos pela escola, a atitude dos professores, a mudança comportamental dos alunos, a postura dos pais ou o facto de terem sido retirados os alunos mais problemáticos de algumas turmas: *“Agora a escola está muito mais aberta aos pais. Os pais sabem muito mais da situação dos filhos, o que não acontecia antigamente.”;* *“... também se deve, se calhar, aos professores.”* *“... e também aos alunos. Também eles querem é andar sempre para a frente, querem trabalhar.”;* *“... o apoio que tiveram ... ”;* *“... porque a turma nos últimos dois anos tinha miúdos mais problemáticos e esses miúdos foram retirados e inseridos noutras turmas ou noutra turma.”;* *“Os professores ajudam muito (...) os diretores de turma que ele tem tido sempre impecáveis.”*

2. Domínio “Processos a nível de sala de aula”

Apreciação geral das medidas de apoio

De um modo geral, os encarregados de educação consideram as medidas de apoio implementadas pelo Agrupamento, uma mais-valia na vida escolar dos educandos, pois reconhecem que existem numa perspectiva de ajudar os alunos. Afirmam ainda, que têm conhecimento que em algumas turmas os alunos são pouco assíduos e que esse fator pode estar a prejudicar a eficácia das medidas de apoio: *“O apoio é sempre importante (...) É sempre uma mais-valia.”;* *“... e antes de terem o apoio foi comunicado através da caderneta que os alunos iam ter apoio, as horas que era para os pais saberem o horário e a mudança de hora.”;* *“Mesmo no 3º ciclo (...) também havia queixas dos professores que os miúdos não apareciam, que estava no horário mas que muito não apareciam, mas deve ser sempre uma ajuda.”;* *“Mas às vezes já têm problemas em casa.”;* *“E mesmo se a criança está a perturbar a aula é bom que ela tenha um sítio para onde ir e seja aconselhada.”* (Aula de Convivência); *“Nem todos, mas a maior parte das crianças que faz isso são crianças já conflituosas por natureza e é muito difícil aceitarem ajuda.”;* *“Isto é bom, e eu acredito que depois o desempenho da criança seja favorável e que se consiga de facto transformar...”* (Turma Ancoragem)

De salientar ainda que os encarregados de educação voltam a sublinhar a carga horária dos alunos: *“Têm o horário bastante preenchido, mas depois o horário...”*; *“Aqui é bem mais cedo, de qualquer das formas acho que têm um horário escolar muito carregado.”*

3. Domínio “Processos a nível da escola”

Apreciação geral dos comportamentos e disciplina

No que diz respeito aos comportamentos dos alunos ou às situações de indisciplina, os pais consideram que não existem episódios de grande relevância e que nesta área, as coisas têm vindo a melhorar: *“Eu acho que são maioritariamente apropriados.”*; *“Há um caso ou outro (...) a maioria dos miúdos têm comportamentos apropriados, penso eu.”*; *“Deve haver um caso ou outro que sejam mais rebeldes. É normal. Mas no geral pelo menos, a minha filha nunca chegou a casa a dizer que tivesse sido ou maltratada ou importunada pelos colegas que frequentam o recreio.”*; *“Não acho muito mau, pelo que eu me apercebi, não houve problemas.”*; (Antes) *“Era mais um bocadinho complicado, era.”*

Referem ainda a importância de a educação ter de vir de casa: *“...a educação não vem aqui da escola, não são os professores que têm de dar, a educação vem de casa.”*; *“Primeiro vou tirar as coisas a limpo e só em último lugar é que eu vou acreditar em ti.”*; *“O ambiente em casa também conta muito e também depende dos pais deixarem fazer tudo o que querem aos meninos e deixarem fazer certas coisas que...”*; *“Eu pelo menos (...) eu sempre que tinha problemas, que o meu filho tinha problemas, vinha à escola, as coisas eram resolvidas (...) estou satisfeita, agora, até hoje.”*

De salientar ainda que durante as entrevistas os encarregados de educação referiram que as condições físicas do centro escolar podem não ajudar à melhoria dos comportamentos dos alunos: *“... o espaço tapado nesta escola é muito pouco...”* (Centro escolar); *“Dentro da sala de aula, portam-se bem. Fora da sala de aula, não (...) eu sou contra os Centros Escolares (...) muitos episódios não aconteceriam nos recreios se estivessem separados.”*

Foram também referidos outras considerações: *“Também depende do professor que está à frente da turma (...) Se consegue dominar a turma, se não consegue.”*; *“É tudo no início, que eles não têm respeito pelos professores, nem por ninguém e não têm medo e acabou... E acabou, a partir daí fazem o que querem e ainda lhes sobra tempo... E depois lá está, quem as paga são os outros miúdos que querem estar com atenção...”*; *“... o facto de haver meninos que se portam mal, meninos que não têm um comportamento tão adequado (...) Isso ajudou os meus filhos a arranjar estratégias para (...) O que também acaba por ser bom.”*

6. Domínio “O Meio”

Apreciação geral das ações do Agrupamento destinadas a envolver os encarregados de educação

Relativamente às acções desenvolvidas pelo Agrupamento destinadas a envolver os encarregados de educação, os pais referem que consideram a escola um organismo aberto à comunidade, com a realização de várias actividades que pretendem o envolvimento e a participação ativa dos pais: *“Não, eu acho que a escola nunca foi tão aberta como é agora à comunidade.”*; *“Ainda aconteceu há pouco tempo uma que foi o dia da escola, que eu vim à noite e havia aí um grande número de pais. E houve o dia internacional da família (...) A festinha no Centro Escolar.”*; *“Até mesmo a caminhada (...) O intercâmbio entre gerações, que pôs toda a gente a chorar, quem assistiu, não sei se estiveram lá... e muita coisa mais.”*; *“O diretor penso que está sempre acessível a toda a gente é só chegar e pedir para falar.”*; *“Também penso que as atividades normalmente até são para a comunidade ou trazem a comunidade à escola.”*

De salientar ainda, que os encarregados de educação afirmam que muitas vezes, são os pais que se fecham à escola, participando e envolvendo-se pouco, por vontade própria: *“Agora que haja famílias mais colaborativas, mais participativas, mais empenhadas, isso há e vai haver sempre. Há outras por mais que se lhe diga, por mais que se alertem...”*; *“Vocês o que têm feito... As famílias é que não se querem aproximar.”*; *“Até se nota na reunião que temos com os diretores (...) Se vierem metade dos pais é muito (...) Sempre foi e sempre há-de ser...”*; *“Mas é verdade, muitos pais querem que a escola faça aquilo que eles não fazem em casa... Aquilo que os próprios pais não fazem.”*

Salientam ainda a importância do director de turma na relação escola-família: *“É o principal impulsionador ou a alavanca da turma. Eu notei isso este ano a diretora era excelente.”*; *“Sempre que há qualquer coisa telefonam. Não tenho a dizer nada.”*; *“... dizia o diretor de turma que às vezes marcava as reuniões e quem devia vir não vinha.”*

O Papel da escola relativamente ao futuro dos filhos - A escola ajuda ou não?

Nesta área em particular, os pais referem: *“A escola está a prepará-los, já lhes está a dar métodos e ajuda. Já os está a preparar. A terem boas notas e ao terem boas notas têm mais facilidade para se integrarem em certas universidades.”*; *“O futuro não é ... não é uma certeza. O que eu acho é que a escola ajuda, ajuda. Eles têm entrado em medicina ... houve uma menina que entrou em medicina e não estou a falar só em medicina. Agora claro que o futuro é...”*; *“... a escola não tem culpa em si. Acho que esses cursos haviam de ser mais práticos do que teóricos.”* (Cursos profissionais/vocacionais)

Salientam ainda a importância dos cursos profissionais na atualidade: *“Precisamos de padeiros, de carpinteiros e se calhar...electricistas... um curso vocacionado para isso, as meninas até de costura, que lhes desse futuro. Que eles se interessassem e que dissessem assim eu quando sair vou pegar numa máquina e vou costurar. Isso aí acho que era o ideal.”*; *“A melhor opção era ele ir para um curso profissional. Tem muita dificuldade em Matemática e é assim. Os professores e o diretor ajudaram-no*

bastante. Por acaso fiquei satisfeita e a opinião deles também conta muito, porque nós conhecemo-los em casa, mas eles aqui também os conhecem como nós.”; “Para os convencer se é uma coisa viável... tem que ser uma coisa que lhes dê motivação.”; “Eles tiram aquele curso, mas eles não vão fazer nada com aquilo. Muitos tiram aquele curso só para ter o 12º ano. Acabam por não exercer aquela profissão.”

Os pais dos meninos a frequentar o primeiro ciclo referem na sua maioria que essas questões ainda não os preocupa: *“Nós só pensamos é neste momento. De ano para ano, acho que sim. Ainda tenho os filhos muito pequenos, ainda não pensamos nessa parte.” (Centro escolar)*

12. Análise dos Focus Group dos docentes

1. Domínio “Resultados”

a) Apreciação geral dos resultados escolares

Relativamente à apreciação geral dos docentes no que diz respeito aos resultados escolares, estes são unânimes, considerando que os resultados dos alunos do Agrupamento são positivos. De salientar ainda, que tem havido uma aproximação entre a avaliação interna e a externa do Agrupamento: *“Em relação à avaliação externa nós temos tido resultados muito positivos, muito mesmo.”; “Não há grandes discrepâncias...” (entre avaliação interna e externa).*

Alguns docentes referiram ainda, ter conhecimento de algumas notícias positivas apresentadas pela comunicação social, que colocam o Agrupamento numa boa posição em relação a outros Agrupamentos limítrofes: *“Mesmo no ranking geral, veio no jornal, Tarouca (...) estava naquela lista dos melhores, portanto mesmo em relação à Sé de Lamego, não sei se viram isso, em relação a Moimenta, muitos concelhos atrás do nosso. Acho que melhoramos bastante.”*

Ao longo das entrevistas, foi sendo referida uma evolução positiva dos resultados em todos os ciclos: *“Acho que houve uma melhoria de alguns resultados...”; “No pré-escolar também tem havido evolução, tem vindo a melhorar e nota-se pelos resultados obtidos no fim do ano.”; “Este ano no 1º ciclo ficou toda a gente aprovada... não houve nenhum aluno do 4º ano que tenha ficado não aprovado.”, “No 2º ciclo os resultados escolares foram bastante satisfatórios, quer a Português, quer*

a Matemática (...) A Português, os resultados situaram-se acima da média nacional.”; “3º ciclo (...) a nível a avaliação interna foi muito positiva.”; “Humanidades - 10º ano - um pouco mais fraco que no ano anterior mesmo assim positivo.”; “Mesmo no secundário, tem havido bons resultados, a algumas disciplinas estamos acima da média.”

Em termos de apreciação geral, alguns professores mencionaram a necessidade de cedo começarem a ser mais rigorosos e exigentes: *“Eu penso, só são corretamente avaliados em fim de ciclo (...) começar desde cedo a sermos um bocadinho mais rigorosos e exigentes.”*

a) Factores explicativos da evolução dos resultados escolares

Enquanto factores explicativos da evolução positiva dos resultados escolares do Agrupamento, foram mencionadas, a importância do corpo docente, nomeadamente dos directores de turma, das diferentes medidas de apoio, do estabelecimento de permutas, da redução do número de alunos por turma e o aumento do tempo lectivo em algumas áreas curriculares, como o português e a matemática.

“(...)tem a ver com o corpo docente, que ajuda muito.”; “Aí também estão os diretores de turma, com o seu papel de ponte (...); “As turmas do 6º ano, que tínhamos este ano, são boas no geral...”; “Também contribuiu a possibilidade de haver permutas, acho que isso foi muito positivo e a possibilidade de haver compensação das aulas. Portanto esta autonomia do Agrupamento, acho que é muito positiva.”; “Turmas mais reduzidas, que nos dá uma maior intervenção não só junto da família, mas também muito mais dos alunos.” (Pré-escolar); “A partilha ajuda, enriquece e sustenta o trabalho.”; “Estabilidade do corpo docente (...) equipas de trabalho têm-se mantido.”; “Nas áreas de Português e Matemática aumentou o tempo...”; “Agregação dos alunos no centro escolar (...) articulação entre Jardim e 1º ciclo, apresentadas e colocadas as dificuldades.”

Relativamente aos factores que possam influenciar negativamente os resultados escolares, são mencionados os factores familiares, como as famílias desestruturadas e a instabilidade docente em algumas áreas: *“Estou a falar da matemática (...) havia alunos que andavam sem professor dois meses, três meses (...); “Também é a retaguarda dos pais. Os encarregados de educação têm um peso muito forte nos resultados, no sucesso escolar (...) aqui em Tarouca vê-se muito o desajustamento das famílias, vê-se muito a parte social que está bastante degradada.”*

2. Domínio “Processos a nível de sala de aula”

a) Apreciação geral das medidas de apoio

Relativamente às medidas de apoio implementadas pelo Agrupamento, foi possível verificar, ao longo das entrevistas, diferentes opiniões e pontos de vista, tendo em conta as diferentes medidas referidas. Assim, a maioria dos docentes defende que as medidas de apoio são muito importantes e positivas. No entanto, salientam que algumas foram ao longo do ano mais eficazes que outras.

“É muito, muito importante essa aula.” (Aulas apoio); “As medidas de apoio têm sido eficazes.”; “Alcançaram-se os objetivos naqueles alunos que estavam muito tremidos (...) e notou-se sucesso, até a nível de exames.” (Assessorias Português)

“As medidas de apoio, nem sempre funcionam.”; “Houve situações de encarregados de educação que não concordaram que os filhos fizessem parte dessa turma.” (Turma N+1); “Das turmas que eu conheço também não funcionou...” (Turmas N+1); “Eles acham que uma aula de apoio é uma aula a mais.”

b) Formas de apoio mais eficazes

Enquanto medidas de apoio mais eficazes foram mencionadas pela maioria dos docentes as assessorias de Português e as aulas de apoio, quando bem estruturadas pelos docentes. Foram ainda mencionadas as turmas de ancoragem do 1º ciclo: *“... apoio dado por dois professores, as assessorias são benéficas e resultam.”; “Foi uma das medidas que resultou (...) assessoria a português (...) os resultados estão lá.”; “Acho que os alunos aproveitaram alguma coisa no terceiro ano (...) notei que eles melhoraram (...) notei que eles evoluíram.” (Turmas de ancoragem)*

c) Razões/fatores de êxito das medidas de apoio

Enquanto factores de êxito das medidas de apoio, foram mencionadas as vantagens das aulas de apoio em disciplinas com uma componente mais prática e a sua importância na consolidação dos conhecimentos. *“Em disciplinas em que há uma componente prática, de exercícios (...) aproveitava para fazer mais e mais exercícios, para consolidar a matéria.” (Aulas de apoio); “As aulas de apoio ao estudo, eu acho que são muito ricas, ajudam-nos a consolidar os conteúdos no dia-a-dia.”*

Para os docentes uma das principais razões para o sucesso das assessorias de português foi o facto de o projecto estar tão bem estruturado e do trabalho em equipa realizado: *“... foi um projeto que foi bem estruturado e notou-se ao longo do ano que houve um trabalho de equipa...”*

“Quando é dado apoio individualizado, o aluno consegue ver o que consegue realizar e aprender, toma consciência do que é capaz e até aprende e gosta.”

“Havia educadoras que estavam sem horário, estavam em horário zero (...) as educadoras foram dar apoio ao primeiro ciclo (...) e foi bom.”

d) Razões/fatores de menor êxito das medidas de apoio

No que diz respeito às razões que levaram a um menor êxito das medidas de apoio, foram mencionados vários factores que poderão ter prejudicado os resultados finais das medidas implementadas pelo Agrupamento, tais como, a postura negativa de alguns alunos face às aulas de apoio: *“... quando tu misturas no mesmo grupo alunos bons, alunos menos bons que já estavam na sala, as aulas de apoio*

nunca funcionam.”; “... a maior parte dos alunos, acho que não têm noção do que são as aulas de apoio.”; “... às vezes não encaram essas aulas como uma ajuda.”; “Não é uma medida importante quando um aluno não gosta de uma disciplina.”; “Os miúdos eram retirados da sala (...) acho que não funcionou bem.” (Apoios)

Quanto aos factores menos positivos para as turmas N+1 foram apontados os seguintes: “Se calhar o problema foi o facto de os alunos terem sido escolhidos aleatoriamente...”; “Porque a turma continuava heterogénea, e não adiantou.”; “O projeto desde o início que, não se desenvolveu (...) os apoios têm que ser nivelados e que não foram...”

e) Sugestões de melhoria

Ao longo das entrevistas realizadas, os docentes foram apontando algumas sugestões que poderiam melhorar o funcionamento e a eficácia das medidas de apoio: “Cada professor depois de conhecer os alunos deve propor os apoios.”; “Alunos vindos do estrangeiro precisam de horário suplementar.”; “Eu acho que é mais benéfica a assessoria.”

3. Domínio “Processo a nível de escola”

a) Apreciação geral dos comportamentos/disciplina

Durante as entrevistas e referindo-se a opiniões gerais relativas aos comportamentos dos alunos, os docentes referem que há alguns alunos irrequietos e infantis, que facilmente quebram o ritmo das aulas: “Os alunos do quinto ano são muito indisciplinados (...) mais dificuldades têm em estar na sala de aula, não conseguem estar sentados, sempre a conversar.”; “Eles aparecem aqui, eles surgem-nos aqui sem regras.”; “Eles têm que ter a noção clara das regras da sala.”; “... uma grande parte, sobretudo no secundário e no 3º ciclo, são infantis.”; (Alunos mais velhos) “É mais a atitude com que eles olham para nós. Não aceitam facilmente a chamada de atenção, às vezes desculpam-se com tudo e com nada.”; “Cada vez mais temos alunos com mais dificuldades.”

Salientaram ainda, a importância da família na correção desse género de comportamentos: “comportamento, a situação mais grave são os pais (...) deveriam ter mais rédea curta e pulso mais forte.”; “Alunos com muitos problemas comportamentais de famílias desestruturadas precisam de intervenção diferenciada”.

b) Evolução dos comportamentos/disciplina

Relativamente à evolução dos comportamentos inadequados dos alunos, ou indisciplina, a maioria dos docentes acha que a evolução tem sido positiva, com menos episódios e de menor gravidade, no entanto, existem ainda alguns docentes que manifestam uma opinião contrária: (*Indisciplina grave*) “... não, acho

que não há, isso diminuiu notoriamente. Se calhar em alguns casos é zero, fora o vocacional.”; “Eu acho que em relação ao ano passado houve uma diminuição, porque o número de alunos por turma também foi reduzido.”; “os comportamentos, em termos gerais regrediram.”; “Aumentou o número de alunos indisciplinados.”; “Os alunos do quinto ano são muito indisciplinados.”

c) Razões/fatores explicativos da evolução

Apesar de a maioria dos docentes considerar que a indisciplina está a diminuir, nas entrevistas referem vários factores que contribuem para a manutenção ou aumento de casos de indisciplina e comportamentos menos adequados, essencialmente factores ligados à família dos alunos e às exigências das metas curriculares que imprimem um ritmo exigente nas aulas: “... pais são permissivos e os filhos pensam que na escola podem fazer a mesma coisa.”; “Eu acho que cada vez mais os miúdos chegam à escola, a pensar que eles são os reis de tudo.”; “Não têm a noção da partilha e do espaço (...) os pais não compreendem e desconhecem completamente como é que os filhos são na escola.”; “No pré-escolar não podemos falar bem de indisciplina (...) é realmente a falta de limite, mas isso que é da família.”; “As regras que são dadas na sala de aula, não vão de encontro depois ao que eles ouvem se calhar em casa”; “... metas de aprendizagem implicam um ritmo muito exigente.”; “Os alunos são muito novos para aquilo que é exigido com as metas, há falta de maturidade.”

São ainda referidos, o elevado número de horas que passam na escola: “No primeiro ciclo são muitas horas com a mesma, nós com mesmos e eles connosco.”; “Hoje em dia a escola também é onde eles passam mais tempo. Eles chegam à família e a família acha que também deve permitir tudo, porque eles passam tão pouco tempo...”; “... ao fim do dia, saturação das atividades.”

De salientar ainda que a maioria dos docentes considera uma medida positiva a colocação dos alunos com historial de pior comportamento numa única turma, pois consideram que a nível geral, os comportamentos melhoraram bastante em todas as outras turmas: “Concentraram os alunos mais problemáticos, todos numa turma.”

Foram ainda mencionados mais alguns factores que podem estar a influenciar os episódios de indisciplina: “Computadores e telemóveis não deveriam vir para a escola.”; “Também tem um pouco a ver com a tendência social...”; “Não há aquela capacidade de os alunos estarem concentrados.”

4. Domínio “O Meio”

a) Apreciação geral do envolvimento dos encarregados de educação

De um modo geral, os professores consideram o envolvimento dos encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem dos filhos bastante fraco, salvaguardando-se os pais dos bons alunos, que se revelam mais presentes: “... que se nota perfeitamente esse desinvestimento na educação dos filhos.”; “... não é construtivo (...) os pais têm uma participação pouco construtiva.”; “ Pais

completamente ausentes, só se notou a presença deles nas avaliações.”; “... era definir bem os papéis. Assim, os pais estão aqui para fazer isto e nada mais do que isto.”; “É dos bons alunos, o envolvimento construtivo é dos bons alunos, no geral, estou a falar no geral.”; “O nosso ministério da educação tem pecado estes últimos anos nisso, achincalhou os professores até à última.”

b) Evolução do envolvimento dos encarregados de educação

De uma forma unânime, os docentes consideram a evolução do envolvimento dos encarregados de educação na vida escolar dos filhos negativa: *“Negativa, evolução negativa, é muito negativa.”; “Menor envolvimento, menor acompanhamento.”; “Houve um período, alguns anos atrás, em que as coisas funcionavam bem.”*

Os professores referem que o fraco envolvimento dos pais pode estar ligado a vários factores como, o receio de receber más notícias e as baixas habilitações académicas da maioria dos pais: *“Pensam que vêm receber más notícias.”; “... pensam que os alunos já têm autonomia.”; “Eles acham que os filhos nunca mentem, na cabeça deles os filhos nunca mentem...”;* *“É a ênfase que a sociedade tem dado ao ter e não ao ser.”; “... a habilitação dos pais, continua ainda a ser a maioria quarto ano, quando muito quarto ano (...) podem até às vezes ter muito boa vontade e até acompanhar os filhos, mas depois a nível de escolaridade, não conseguem, não conseguem dar apoio nenhum.”; “Eu acho que a habilitação não tem, não prende muito, o pai por ter o quarto ano, não quer dizer que não acompanhe o filho.”*

c) Traços de uma atitude/postura construtiva dos encarregados de educação

Relativamente aos traços de uma postura construtiva dos encarregados de educação, apenas são mencionados os pais dos bons alunos e do primeiro ciclo, mais presentes e responsáveis: *“No 1º ciclo os pais são mais responsáveis e assíduos, tem a ver com a idade.”; “É dos bons alunos, o envolvimento construtivo é dos bons alunos, no geral.”*

d) Traços de uma postura negativa dos encarregados de educação

Ao longo das entrevistas com os professores são mencionados vários traços de uma postura negativa dos pais, sendo muito referidas as baixas expectativas dos encarregados de educação relativamente ao sucesso e desempenho escolar dos seus educandos e consequentemente ao seu futuro profissional, bem como, uma atitude de “demissão” do papel de educadores: *“Os pais têm muito poucas expectativas...”;* *“É a predisposição também para o ensino em si...”;* *“Eles são ausentes, eu acho que o problema é a ausência dos pais, ausência no aspeto de (...) que vejam se eles estudam, que vejam o que trazem para casa para estudar, que vejam se ele está realmente a estudar, é essa presença, se ele traz o material, coisa que é um grande problema que nós temos.”; “Há pais que chegam ao ponto de questionar o que*

sai nos testes.”; “Os pais afirmam que os professores estão na escola, para os educarmos.”; “Responsabilização dos atos dos alunos a terceiros (escola) e nunca aos educandos.”

e) Apreciação geral das ações do Agrupamento destinadas a envolver os encarregados de educação

Após a análise de conteúdo das entrevistas, os professores referem que se nota que a escola se está a esforçar para promover um maior envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, mas que a mudança é ainda pouco notória: “É assim, o Agrupamento tem feito, pelo menos tem tido vontade de fazer.”; “Eu acho que a escola até tem feito muito.” “Por isso a escola até tem feito muito, muitas atividades em que os pais se podem envolver.”; “As ações existem, mas não se nota a mudança.”

f) O que pode fazer a escola para construir um envolvimento construtivo dos encarregados de educação

Ao longo das entrevistas os docentes apresentam várias sugestões para a melhoria do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos: “Uma simples apresentação sobre os limites, sobre os deveres.”; “Multas para o mau comportamento, na América, aparecem em casa.”; “manter as coisas, mais institucional.” (Mais formal); “Eu penso que nós poderíamos começar com uma abordagem um bocadinho mais completa logo no primeiro dia de aulas.”; “Há reuniões com os pais extras, há os próprios diretores de turma, há os próprios professores.”

g) Razões que levam alguns alunos a mudarem de escola (para a escola privada, para escolas públicas de Lamego

Relativamente ao desejo que alguns alunos manifestam de continuar os seus estudos em outras escolas da região, os docentes consideram que a maioria o faz por “estar na moda”, no entanto, alguns professores consideram que para isso também contribuem alguns colegas que acabam por passar uma imagem menos positiva da escola, tornando-a menos atractiva para os alunos com expectativas mais elevadas: “Porque é uma questão de moda, porque mesmo para os pais é uma questão de moda.”; “Eu sei é que há muita gente, e essas crianças com expectativas de Tarouca, estão em Lamego.”; “Nós temos colegas no nosso Agrupamento, ou já houve colegas no nosso Agrupamento e que puseram os filhos a estudar fora (...) a partir do momento em que estás a trabalhar num sítio e classificas esse sítio como inferior, tu estás a classificar-te como inferior. (...) e estás a desacreditar a escola.”

De um modo geral, os professores consideram que o Agrupamento deve promover a excelência e ter uma maior atenção para com os bons alunos e que possuem expectativas mais elevadas quanto ao futuro: “Por isso é que eu digo que se deve promover a excelência.”; “... não somos justos para os bons

e aí é que deve haver justiça, para os incentivar e estimular a ser melhores e para que os pais acreditem na escola.”

h) Expectativas dos alunos quanto ao futuro

Os docentes sublinham as baixas expectativas dos alunos em relação ao seu futuro e a sua falta de ambição: *“Os miúdos muitas vezes a gente pergunta e “ah, quero ir para a faculdade, depois vê-se”; “(...)no estado atual do país, eles também não devem ter grandes expectativas.”; “Falta de ambição dos alunos.”; “A escola, a nível científico consegue dar resposta (alunos que saem para os diferentes cursos da Universidade), mas não conseguimos dar resposta a nível de formação em contexto de trabalho e cursos profissionais e ter em conta os interesses dos alunos.”; “Os cursos profissionais têm o problema dos estágios.”; “A escola não está construída, a nível de espaços, para outros cursos profissionais.”; “Apoio à Infância é o único que permite acesso ao estágio.”; “Psicólogo deveria fazer trabalho de orientação vocacional ao longo de todo o ano letivo.”*

13. Análise dos Focus Group dos alunos

1. Domínio “Resultados”

a) Apreciação geral dos resultados escolares

De todos os alunos questionados, em entrevista de Focus Group, verificámos que não existe, propriamente, um consenso em relação à evolução dos resultados escolares no Agrupamento, nos últimos anos lectivos. Enquanto uma parte significativa de alunos considera que os resultados estão a melhorar, outra parte julga que os resultados não têm estado a evoluir positivamente.

Assim, dos alunos a frequentar o ensino secundário o destaque vai para a diferença que existe neste nível de ensino, tendo os alunos referido que no terceiro período as turmas têm tido uma maior dificuldade em manter as notas: *“No terceiro período, acho que está a turma toda a baixar as notas (...)É a nível do secundário, antes era ao contrário o que acontecia, pelo menos a mim.”* Três alunos, a frequentar o 9º ano, referem que este está a ser um ano mais difícil e em que há um maior número de alunos a serem retidos: *“eu acho que o 9º ano é mais difícil, por isso, eu acho que agora, este ano, as notas do nono desceram um bocado (...)e é por isso que eu acho que vai chumbar tanta gente.”*. Alguns alunos a frequentar este ano acrescentam ainda: *“eles estão à espera sempre, de chegar ao fim do terceiro*

período e chorar-se para o três. Só que depois, no final do nono ano, por exemplo, corre mal, porque não se podem chorar para o três, porque têm que ir a exame”.

b) Razões ou fatores explicativos da evolução

Um aluno realça a influência da mudança de ciclo e de docentes nos resultados escolares: *“Eu acho que de ano para ano, pelo menos nos ciclos, por exemplo, no 2º ciclo, no 3º e secundário, acho que quando os professores são os mesmos, normalmente, acho que os resultados vão evoluindo, mas depois mudam de ciclo, e vem um professor diferente e os resultados voltam a piorar.”* Outro aluno distingue a oscilação entre resultados da disciplina de matemática e de português: *“Nas de matemática... as notas estão a baixar, só que nas outras estão a aumentar”.*

Como fatores explicativos da evolução positiva de resultados, os alunos mencionaram essencialmente, que se têm esforçado por melhorar e que têm estado mais atentos nas aulas: *“Porque eles estão a esforçar-se”*, *“Porque a nossa professora consegue explicar muito bem as coisas que temos de fazer”*; *“Porque os alunos estão com mais atenção ao que a professora diz”.*

As razões que os alunos destacaram para a evolução negativa de resultados estão relacionadas com questões como: pouca atenção nas aulas; pouco estudo; porque o professor não explica como gostariam; a mudança de escola (do 1º para o 2º Ciclo): *“Porque há pessoas que não ficam atentos às aulas de matemática”*; *“Porque não estudam”*; *“E também porque eles dizem que o nosso professor explica muito depressa”*; *“Eu quando vim para aqui para baixo, houve muitos colegas da minha turma que pioraram os resultados, mas eu acho que foi como nesta escola era diferente de lá de cima, a vigilância não era tão apertada, andavam aí a... Pronto, andavam mais livres, a fazer o que queriam, basicamente, era o que eles pensavam, e deixaram de estudar...”* e conclui um outro aluno: (No Centro Escolar) *“Éramos mais controlados...”*

Por fim, acrescentam que, para melhorar os seus resultados, os alunos têm de: *“Estudar mais, como mudam os ciclos cada vez o grau de dificuldade é maior e mentalizarem-se disso e aplicarem-se mais...”*.

1. Domínio “Processos a nível de sala de aula”

a) Apreciação geral das medidas de apoio

Quando foi pedido aos alunos do 1º Ciclo para falarem das medidas de apoio que eles conheciam, estes alunos fizeram referência, essencialmente, às turmas de ancoragem, muito embora não as identifiquem com este nome e aos apoios dentro da sala de aula: *“Na nossa turma os meninos que têm dificuldades também vão para um apoio noutra sala”.*

Já os alunos do 2º, 3º ciclos e ensino secundário referem como medidas de apoio: os reforços das aulas, testes diferentes, as assessorias, turmas n+1 e aulas de apoio ao estudo.

Assessorias

Um aluno explica como se consubstanciavam as assessorias a português: *“é nossa professora de português,(...), está na nossa sala e vai outra professora, (...), que ajuda aqueles alunos com mais dificuldades em português, não só os dos NEE, mas também outros alunos que têm mais dificuldades em falar ou em escrever, ou que escrevem como falam. Está lá para os ajudar.”*

Há alunos que destacam as Assessorias como uma medida de apoio eficaz e que deveria ter funcionado todo o ano letivo *“sim, era o que nós estávamos a dizer, que devia ser todo o ano (...)sim, e resultou mesmo”*.

Aulas de Apoio

No que diz respeito às aulas de apoio, alguns alunos referiram que, por vezes, acabam por ficar com o horário muito preenchido com estas aulas: *“Acho que também é em excesso, acho que também é de mais. Eu tenho, por semana, tenho as horas de almoço todas ocupadas com apoio a Físico-Química e Matemática, portanto também torna-se de mais. Só temos uma tarde livre e está ocupada com Moral. Portanto, é só fim-de-semana, acho eu”*.

Há ainda um conjunto pequeno de discentes que consideram que os alunos que têm apoios, não os aproveitam: *“...a maior parte das pessoas que tem o apoio nem lá põem os pés.”*

Quando questionados sobre se consideram esses apoios eficazes um aluno diz: *“Ao contrário, se calhar. (...)Na minha turma somos todos obrigados a ir, portanto...”* e *“... não vai quem necessita de ir, só vão, digamos, os bons alunos.”*

De um modo geral os alunos falam de algumas razões que podem ter motivado o menor êxito de algumas medidas de apoio: *“Porque ela não está com atenção, está sempre a pensar noutras coisas”*; *“E faz muitas birras com a professora, já teve que limpar as casas de banho....”*, *“Porque ela anda muito distraída, assim de... a falar para a outra colega.... E depois não sabe ler e ela anda no terceiro ano e não sabe ler”*.

Turma N+1

Quanto à ‘Turma n+1’ houve por parte dos alunos visões diferentes, um aluno refere que o seu modo de funcionamento *“era um bocado esquisito”*, alguns alunos pediram para regressar às suas turmas de origem e, comparando com as turmas virtuais, um aluno diz: *“eu tenho um colega (...) que no ano passado esteve na turma virtual e que este ano calhou para ir para a turma n+1. E ele disse que se tinha de estar numa dessas turmas, preferia a turma virtual, porque na turma n+1, o professor continuava a*

explicar depressa para os alunos e ele continuava sem perceber nada. Ele precisava de mais apoio e sei que há muitas pessoas que lá estavam, que sentiam que precisavam de mais apoio, em vez de estarem ali misturados”.

Por outro lado, há alunos que destacam os benefícios da Turma n+1 dizendo: *“eu acho que melhorou (...) porque quando os nossos colegas foram para o outro lado, para essa turma, acho que melhoraram. Ele conseguiu tirar um teste positivo e na turma nunca tinha tirado, só negativa.”* e *“É realmente um apoio”*; *“Para quem quiser tirar boas notas, funciona. Para quem não quiser, não funciona”*. Outro aluno menciona ainda: *“A principal vantagem é ter menos alunos”*.

Um aluno referiu como razão para a ineficácia desta medida o facto dos alunos, por vezes, terem alguma dificuldade em se integrar nesta nova turma: *“Pois, na nossa turma, nós já estamos habituadas aos nossos colegas, à nossa professora, já é outra coisa diferente, os trabalhos de grupo e assim, já sabemos mais ou menos com quem vamos fazer(...)E ali como estão com alunos doutras turmas é mais complicado”*, outro aluno considera que selecionar os alunos para a formação da Turma n+1 por sorteio, dá origem a turmas também heterogéneas, à semelhança das turmas já formadas, perdendo a oportunidade de se fazer um acompanhamento mais específico a um grupo com as mesmas dificuldades e necessidades: *“Eu acho que na turma n+1, não deviam tirar os nomes aos sorteios, porque depois na turma normal, vão ficar os melhores alunos, alunos que não precisam de tantas necessidades, com os que precisam e na n+1 também. Acho que isso não vai ajudar nada...”*

No âmbito da Turma N+1 os alunos sugerem algumas alterações com vista ao melhoramento deste tipo de apoio: *“Para a professora, menos alunos”*; *“A professora explicar menos matéria aos alunos e os alunos perceberem melhor”* e um aluno refere que deveria voltar-se ao formato de Turma Virtual: *“Voltar-se às turmas virtuais. Acho que era melhor, porque era os alunos com mais dificuldades, numa turma mais pequena, com mais apoio. A professora tinha mais tempo, tinha menos alunos... Acho que estava melhor, do que misturar todos.”*

Por fim, na questão das diversas medidas de apoio aos alunos, há um aluno que acrescenta: *“eu acho que há... os alunos que estão no NEE, (...) acho que os alunos que lá estão é porque têm necessidades, mas acho que há muitos alunos, se calhar, com mais necessidades, que estão englobados na turma normal, sem testes diferentes, sem nada, sem apoio”*.

3. Domínio “Processo a nível de escola”

a) Apreciação geral dos comportamentos/disciplina

Quando questionados sobre os comportamentos indisciplinados de alguns alunos dentro da sala de aula, os discentes do 1º ciclo referem que há alguns alunos “rebeldes” que, por vezes, perturbam as aulas, mencionam também que nas aulas de final de dia há mais indisciplina: *“Tenho colegas que nas outras aulas, ao fim do dia, quando têm outras professoras (...)Eles andam sempre à luta”*. No centro escolar,

os alunos referem-se ainda a situações de agressividade de alguns alunos no recreio: *“ele batia em quase todos os meninos, ele joga lá à bola, então, quando ele perdia, ele ia bater nos meninos, ele um dia já o vi”*

Os alunos demonstram alguma preocupação com as questões de indisciplina e dizem mesmo *“Os professores têm medo agora dos alunos”* e como estas questões acabam por afetar os que querem aprender (*“Porque os alunos faziam barulho e depois nós não podíamos ouvir nada e era difícil perceber a matéria”*).

Os alunos destacam também que, por vezes, ter o rótulo de aluno mal comportado dirige apenas para estes alunos qualquer fenómeno de indisciplina que ocorra na sala de aula, assim, diz um aluno: *“acho que há outra coisa injusta, é que aqueles alunos que já têm o rótulo de mal comportados, que costumam ser sempre os maus da fita. Quando eles tentam melhorar, (...) começam a pensar mais e percebem que têm de se comportar (...) Se houver um barulho de um aluno que até é... se porta sempre bem, a culpa é sempre do aluno que já tem o rótulo de mal comportado. (...) os professores, pronto, em geral, alguns, em vez de verem os alunos e de perguntarem quem foi e tentarem analisar de onde veio o ruído é logo para aquele que se porta sempre mal”*.

b) Razões/fatores explicativos da indisciplina

Uma das razões que os alunos apresentam como explicação da persistência da indisciplina na sala de aula está relacionada com o facto de os docentes ameaçarem aplicar uma medida corretiva, mas acabarem por não a aplicar: *“mas não resulta lá muito (...) os meus professores só ameaçam, mas não fazem”*; *“alguns passam a aula a dizer, vais lá para fora, vais lá para fora e nunca sai, toda a aula assim..”*.

Outro fator referido é a benevolência dos docentes, em relação aos alunos que têm dificuldades e cumulativamente se portam mal: *“Mas é assim, têm um aluno que tem dificuldade e se porta mal e a eles custa-lhes um bocado estar-lhe a fazer uma participação, ou assim, porque vêem que vai prejudicá-lo ainda mais.”*

Depois referem que os encarregados de educação nem sempre repreendem os filhos, quando eles têm comportamentos indevidos: *“Eu tenho colegas meus que podem levar participações mas os pais deixam andar...”*.

Por fim, consideram que há docentes que motivam pouco os alunos, o que gera indisciplina nas aulas deles: *“Às vezes podiam dar aulas mais práticas, são assim muito cansativas”*.

c) Sugestões para resolver alguns fenómenos de indisciplina

As sugestões para resolver as situações de indisciplina na sala de aula estão centradas, essencialmente, numa maior atribuição de castigos aos alunos que desrespeitam as regras de sala de aula.

Nos alunos do 1º ciclo as sugestões referem-se, principalmente, a ficar sem recreio e ficarem a trabalhar numa sala ou a ajudar nas tarefas de limpeza da escola: *“Por exemplo, ficar na parede até tocar, ou ficar no recreio de castigo”, “As nossas professoras podiam ficar com eles no recreio na sala e há dias em que a minha professora também faz isso”*; *“Ajudar os funcionários a fazer as coisas”*.

Já os alunos mais velhos (2º e 3º Ciclos) dizem: *“Eu acho que os professores deviam de impor disciplina na sala de aulas”*, quando os alunos não respeitam os docentes ou as suas orientações: *“Para mim é mandar esses aluno para a rua, se continuar uma balburdia na aula, ver qual é que está fazer mais barulho, mandá-lo para a rua ou para o GAAF, ou qualquer coisa, marcar falta e ir fazendo isso até a professora conseguir dar uma aula”* e *“Agir logo, não deixar andar, porque cada vez piora mais a situação”*.

Quanto ao uso de telemóvel na sala de aula, os alunos admitem que vivem demasiado “agarrados” ao telemóvel (*“eu não vivia sem o telemóvel...”*) mas concordam que seria melhor que os docentes lhes retirassem os telemóveis antes de a aula começar (*“estarem com os telemóveis durante a aula (...) só se for o professor tirar antes das aulas”*).

Quanto a situações de indisciplina no recreio os alunos sugerem que se contratem mais homens para vigiar o recreio, pois consideram que nem sempre os alunos respeitam as funcionárias (mulheres): *“...meter mais homens como contínuos (...)Porque eles gozam com as contínuas”*.

4. Domínio “O Meio”

a) Apreciação geral do envolvimento dos encarregados de educação

Na óptica dos alunos, os seus encarregados de educação fazem um acompanhamento adequado do seu percurso educativo porque vêm à escola quando são chamados ou vêm à escola no horário de atendimento dos diretores de turma (*“Eu tenho uma boa relação com os meus pais, principalmente com o meu pai. Mas sim, eles sabem tudo o que se passa na escola praticamente.”*)

Interessante verificar que os alunos do 1º ciclo referem mesmo que os pais perguntam e verificam se têm trabalhos de casa para fazer (*“Eu chego a casa e a minha mãe pergunta-me sempre se eu tenho deveres”*); enquanto no caso dos alunos do ensino secundário, os pais responsabilizam-nos muito mais pelo seu estudo (*“Sim. Já não assinam os testes... essas coisas. Mas estão sempre em cima de nós”*).

Mas quando os questionamos se acham que todos os alunos têm um bom acompanhamento do percurso escolar, os alunos já consideram que nem todos os pais dão um acompanhamento adequado aos filhos (*“A minha mãe e o meu pai dão-me muito apoio na escola, vêm sempre quando a professora os chama, a reuniões e assim... Alguns pais dos outros meninos não se interessam por eles, nem vêm buscar as notas nem nada”*); *“Eu tenho um colega, que quando ele nasceu, o pai emigrou para França e a mãe não quer saber do filho, às vezes deixa-o aí, às vezes esquece-se dele, às vezes são seis e meia que ele vai até casa a pé, que ele ainda mora longe da escola, porque a mãe não quer saber dele, não quer saber se*

ele tem trabalhos de casa, não quer saber que notas é que ele tem ...”; “Porque os pais não se interessam com as notas e como eles se portam”).

Ainda no âmbito do envolvimento parental na vida escolar dos seus filhos, perguntou-se aos alunos como poderíamos trazer os pais à escola, alguns alunos consideram que os pais já vêm bastantes vezes à escola (*“Já vêm tantas vezes”*) e que nem sempre vêm os que deveriam vir (*“Só vêm os pais dos bons alunos.”; “Se calhar não querem ouvir reclamações”*).

b) Escolhas relacionadas com o futuro

Os alunos, principalmente os alunos mais novos, revelaram não ter conhecimento dos cursos que a escola oferece (*“Eu não sei quantos cursos é que há na escola”*) e referiram que gostariam que a escola tivesse cursos nas áreas da jardinagem, cozinha, turismo, desporto e estética.

Um aluno do 9º ano revelou alguma preocupação que sente em relação à matemática (*“Nós estamos sem bases principalmente a Matemática e isso, pelo menos a mim, faz pensar se quero ir para científico ou não.”*) e comentou o facto de outros colegas estarem a pensar ir para cursos profissionais em vez de optarem cursos científico-humanísticos: *“Basicamente eles querem ir todos para cursos e sinceramente acho que são capazes de se sair melhor do que nós. Porque são capazes de encontrar outros trabalhos e... A maior parte deles quer ir para a Suíça.”*

c) Valorização da escola pelos alunos

Os alunos atribuem a pouca valorização da escola à situação económica e de pouca empregabilidade no país: *“Eu acho que têm pouco incentivo, pensarem que no estado do país, que podemos sair daqui e não ter nada.”*

Os alunos referem que não se sentem preparados para sair da escola e irem trabalhar: *“Eu acho que devia haver mais cursos, mais estágios. Pelo menos a partir do 10º ano, para preparar melhor os alunos para ir trabalhar. Não é, tipo, estarmos aqui a escrever, a ler e a não sei quê e não estamos nada preparados para sair da escola e ir trabalhar”*.

Além disso, há alunos que não querem continuar a estudar, não querem frequentar o ensino secundário: *“Mas acho que toda a gente não quer seguir o que estamos aqui a fazer nós.” (...)* *“podia-se retirar a obrigação de... até ao 12º ano (..) há pessoas que planeiam prosseguir os estudos, não deviam ser obrigadas.”*

Os alunos manifestaram também preocupação com os resultados a matemática, e como isso os desmotiva: *“Este ano a Matemática, na minha turma, foi tudo abaixo de vinte. Só houve aquelas positivas, assim (...) os melhores alunos. Por exemplo, até foi difícil para mim não conseguir tirar nenhum excelente. Fiquei no satisfaz bem, só”*.

d) Sugestões para que passem a valorizar mais

Como sugestões para que a escola passe a ser mais valorizada pelos alunos, estes sugerem que os professores entrem um pouco mais no “espírito deles”, isto é: *“acho que é melhor quando os professores entram um bocado no nosso espírito (...) e nós por ele temos bastante respeito, porque é um dos professores que dá a matéria assim de uma forma, sei lá, não tão maçuda, mas trabalhamos, mas também brincamos, tipo, é diferente”*. Os alunos dizem que todos se deveriam lembrar que o futuro começa na escola (*“Saberem que é aqui que começa o futuro. Para depois termos um trabalho”*) e quem não valoriza a escola e não estuda terá de trabalhar em trabalhos mais “puxados” (*“Têm de ir para as obras ou para trabalhos mais puxados porque não têm estudos para mais”*).

14. Análise do Focus Group dos assistentes técnicos e operacionais

1. Domínio “Resultados”

a) Apreciação geral dos resultados escolares

A opinião expressa pelos assistentes técnicos e assistentes operacionais entrevistados em Focus Group foi que os resultados dos dois últimos anos melhoraram (*“Eu acho que melhorou qualquer coisa ao longo destes dois últimos anos”*), muito embora existam coisas que possam vir a ser melhoradas: *“É claro que temos sempre falhas como em todas as escolas, mas acho que a nível de avaliação podíamos melhorar, há sempre hipótese de melhorar, mas não estamos assim tão mal, tanto como algumas pessoas ainda possam pensar. Temos muitos bons alunos, é o que nós achamos, digo eu não sei... Mas podemos sempre melhorar, principalmente, aqueles que estão piores tentar que eles fiquem melhor.”*; *“Se formos ver pelos resultados dos exames e analisando este último período, então, acho que a nível de avaliação de Português e Matemática, os exames, melhoramos”*.

Na perspetiva dos assistentes a evolução positiva dos resultados deve-se, essencialmente, ao trabalho desenvolvido pelos docentes, por todos os que trabalham na escola e de uma geração de pais mais preocupada e participativa na vida da escola (*“O trabalho dos professores, sei lá, dedicação e entrega de toda a gente. Nós vemos aqui o trabalho que os professores têm, a entrega de quem.... Com os alunos, se calhar, tudo isso junto... Se calhar os pais também, fazem parte de uma geração diferente, (...) Há um leque de pais que, se calhar, mais atentos e participativos e mais preocupados que acompanham mais os filhos”*).

2. Domínio “Processos a nível de sala de aula”

a) Apreciação geral das medidas de apoio

Os assistentes técnicos e operacionais revelaram ter um conhecimento muito superficial das medidas de apoio implementadas na escola, ainda que destaquem a fraca assiduidade dos alunos às aulas de apoio, que, por vezes, são pouco valorizadas pelos alunos, que não as aproveitam (*“muitas vezes não aproveitam (...) Não aproveitam, mas deviam ser obrigados a ir”*; *“Depois há os que querem ... mas estão lá os outros a fazer barulho”*).

Os funcionários consideram ainda que a escola pode aproveitar o relacionamento mais próximo que estes têm com os alunos, para ajudar no encaminhamento dos mesmos para as várias medidas de apoio, melhorando a sua assiduidade (*“Acabamos, muitas vezes, por os influenciar e mandá-los ir para as salas”*).

Alguns dos assistentes operacionais acham *“as aulas de estudo uma coisa que altamente cansativa para eles, eles não querem, preferem ficar cá fora”* e poderiam funcionar mais como sessões de organização e métodos de estudo *“Porque as pessoas não sabem como se organizarem para estudarem e se calhar aproveitar o maior tempo possível (...) ao terem método reduzem o tempo de estudo e aproveitam mais o tempo”*.

2. Domínio “Processos a nível de escola”

a) Apreciação geral dos comportamentos/disciplina

Uma das assistentes operacionais destaca: *“há 4 anos era muito difícil(...) estou aqui há 4 anos e acho que os miúdos estão cada vez a ficar mais humildes.... Agora eles já estão mais respeitadores”*.

Quanto ao modo como se deve repreender ou castigar os alunos que têm comportamentos indisciplinados, os assistentes entrevistados dizem: *“Eu acho que a primeira vez que eles prevaricassem, que fossem castigados com um castigo que os fizesse pensar na atitude que tiveram, eram capazes de recuar... A minha opinião era castigar severamente a primeira vez e depois ir atenuando”*.

4. Domínio “O Meio”

a) Apreciação geral do Envolvimento dos Pais/encarregados de educação

No âmbito do envolvimento dos pais ou encarregados de educação na vida escolar dos filhos, os assistentes técnicos e operacionais entendem que os pais se envolvem e que vêm à escola, mas que ainda assim os que mais necessitariam de vir, não vêm: *“há pais que se envolvem, que vêm, que participam, que querem saber”*; *“Eu acho que aqueles que deviam vir não vêm”*.

Os funcionários referiram também um fenómeno que há uns anos atrás não acontecia, mas que agora é bastante constatado: (Os pais) *“não perguntam nada. (...) nem gostam que se toque no assunto dos filhos”*; *“E nós não podemos falar nada, eles, os pais, viram-se contra nós.”*; *“os filhos têm sempre razão, acreditam mais nos filhos do que em nós.”*; *“A escola é que está sempre mal. A culpa é sempre da escola, independentemente de ser funcionário, professor, ou o que quer que seja, tirando uma ou outra exceção. Mas na maior parte, passamos na rua e ninguém pergunta se o filho se porta bem ou mal na escola”*.

b) Razões/fatores explicativos da evolução

Muitas vezes os pais são chamados à escola para participar em reuniões e segundo os assistentes técnicos, por vezes, os encarregados de educação *“dizem: ‘os professores pensam que não temos mais nada que fazer, passar a vida na escola’”*. Quando ouvem alguma coisa que não vai de encontro às suas expectativas *“...vão a descer as escadas: ‘foi para isto que eu cá vim, nunca mais cá ponho os pés, para ouvir este tipo de coisas?’”*.

Por fim, questionámos os funcionários como pode a escola promover um maior envolvimento parental na vida escolar dos filhos, ao que estes responderam: *“Quando os pais não se interessam pelo assunto e acham uma seca muito grande vir aqui a uma reunião, anual que seja, o que é que havemos de esperar dos filhos. Medidas para isso eu não sei, só se fosse obrigatório mesmo, ou então que dessem dinheiro ou outra coisa qualquer”*.

c) Relacionamento dos funcionários com os alunos

Os assistentes operacionais e técnicos destacaram o bom relacionamento que têm com os alunos e como isso pode ser usado para influenciar positivamente os discentes para frequentarem as modalidades de apoio: *“Eles falam muito connosco (...) E nós, às vezes, acabamos por os influenciar em relação a determinadas coisas”*; *“Como é que nós os vamos encaminhar para uma assessoria, (...) não sei como isso funciona sequer... A gente vê-os aí fora, nem sabemos para onde os devemos encaminhar...”*; *“Acho que ... tinham de aproveitar mais um bocadinho ... a escola... os funcionários... neste sentido porque nós somos muito chegados a eles”*.

A relação entre alunos e funcionários foi descrita como próxima e especial de modo que *“Há assuntos que nós (funcionários) sabemos mais que os próprios professores (...) Eles falam mais connosco do que com os senhores professores...”*; *“A relação que nós temos com os alunos é tão especial que hoje tivemos o exemplo, um aluno já saiu há 8 anos daqui mas todos os anos (...) vem ver-nos... Vem sempre, faz-nos uma festa a todas, isto é uma alegria” (...)* *“Pronto, é uma coisa especial, são ligações especiais que nós temos aqui, que depois se transporta lá para fora”*.

d)Papel da escola relativamente ao futuro dos alunos

Os funcionários salientam que há cada vez mais alunos a optarem pelos cursos profissionais e que a escola poderia ter uma maior oferta de cursos vocacionais e profissionais, incluindo, por exemplo, um curso de mecânica, pois na região há, segundo os funcionários, pouca indústria: *“por exemplo, cursos de mecânica...”*; *“mais focada para a nossa zona, do que há aqui. Não há aqui indústria, não há aqui nada” (...)* *Acho que tinha que se ir...há aqui carpintarias, há oficinas...”*. Também realçam a importância de ter uma oferta formativa que vá de encontro às aspirações dos alunos e à empregabilidade no meio envolvente: *“e depois eles chegam a um ponto, que não querem estudar”*; *“eles andam aqui e já não andam a estudar, andam a brincar, andam a passar o tempo...não querem fazer nada” (...)* *“é, querem trabalhar, mas depois aqui também não há emprego e depois vão fazer o quê? Vão se formar em jardinagem? Nem toda a gente pode ir trabalhar para a câmara” (...)* *“que se formassem aqui alunos que depois aqui pudessem entrar no mercado de trabalho que há aqui na zona. Nós temos muitos alunos nossos que estão no desemprego”*; *“depois também os pais não os querem ter em casa, porque também saturam de ter uma pessoa assim em casa, sem fazer nada e aqui sempre estão ocupados, façam ou não façam, já não se interessam, o que interessa é que coma, que esteja aqui ocupado até aos dezoito anos e depois logo se vê. A nível de saída profissional está muito mal e para a universidade também não são assim tantos que vão”*.

Por fim, os assistentes técnicos e operacionais evidenciam que muitos alunos procuram emprego no estrangeiro e vêem isso como uma saída não só do pouco emprego que encontram no país, como uma forma de melhorar o seu estilo de vida: *“muitos vêem uma saída lá fora. Têm familiares lá fora, que vão (...) a perspetiva deles é sempre emigrar, há sempre a hipótese que têm um irmão, um tio, um cunhado...ou vivem do rendimento mínimo”*.

15. Conclusão

À Comissão de Avaliação compete apontar alguns aspetos que devem ser objeto de reflexão e análise nas diversas estruturas no sentido de que tudo o que se faz no Agrupamento possa ser ainda mais produtivo e menos burocrático, tendo sempre como foco principal o sucesso de todos.

Assim, apresenta esta Comissão uma série de aspetos que à luz dos domínios e ações avaliados devem, em seu entender, ser tidos em linha de conta.

Pontos Positivos:

- a) Conhecimento por parte dos Encarregos de Educação das diversas medidas de apoio e das ações em curso;
- b) Aumento progressivo do sucesso escolar nos últimos anos letivos;
- c) Aumento significativo de alunos a apresentarem candidatura ao ensino superior no ano letivo 2014/2015 (de 16% para 27%) e a obterem entrada nas primeiras opções de cursos;
- d) Percursos alternativos de formação, como os Cursos Profissionais e Vocacionais;
- e) A criação da medida de apoio “Assessorias de Português”, referida nas entrevistas, pelos vários grupos, como uma medida eficaz e eficiente, que fomentou o sucesso dos alunos que a frequentaram.

Pontos a Melhorar:

- a) Melhorar a qualidade da comunicação dos resultados obtidos na disciplina de matemática, pois a consulta dos documentos mostrou-se confusa, e de difícil interpretação em termos de resultados;
- b) Promover uma reflexão mais profunda acerca das propostas de melhoria apresentadas nos relatórios de conclusão das atividades (na maioria dos relatórios consultados, as propostas de melhoria assentam essencialmente em dar continuidade às atividades já implementadas);
- c) Melhorar o envolvimento dos assistentes operacionais nas medidas de apoio e atividades de melhoria.

A Comissão de Avaliação Interna:

Rep. do Departamento das Ciências Sociais e Humanas	
Rep. do Departamento de Línguas	
Rep. do Departamento de Expressões	
Rep. do Departamento de Matemática	
Rep. do Departamento do 1º Ciclo	
Rep. do Departamento do Pré-Escolar	
Rep. dos Assistentes Técnicos e Operacionais	
Técnica Especializada (TEIP)	
Técnica Especializada (TEIP)	
Coordenadora Projeto TEIP	

Tarouca, 26 de Outubro de 2015

Coordenador da Comissão de Avaliação Interna

(Rui Gaspar)